ERNESTO SIENNA

Através do Cárcere

(CASA DE DETENÇÃO)

IMPRENSA NACIONAL
N 110 Lit
BIBLIOTECA
IMPRENSA NACIONAL
INVENT
N 119
BIBLIOTECA

RIO DE JANEIRO
IMPRENSA NACIONAL
1907

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL
BIBLIOTECA
NÚMERO | DATA
494 | 15/10/70

AO EXM. SR.

Dr. Augusto Tavares de Lyra

MINISTRO DE ESTADO DA JUSTIÇA E NEGOCIOS INTERIORES

offerece es/e *humilde trabalho o*

Eznesto Sentia.

Através do Cárcere

Não tenho inteira convicção se das nossas "prisões os detentos sahem mais criminosos ou se, effectivamente, ellas servem de incentivo para uma completa regeneração, quer despertando sentimentos bons e generosos, ha muito adormecidos no vicio e no crime, quer infundindo pela disciplina rigorosa e severa o amor ao trabalho, o respeito á vida e a propriedade alheias.

Creio, porém, que ellas servem, embora raramente, de escolas para a aprendizagem de gatunos, isto devido á falta de separação dos diversos delictos, pela promiscuidade contagiosa dos simples contraventores de vadiagem e de pequenas faltas com individuos affeitos ao furto e ao roubo.

O regulamento da Casa de Detenção determina que os detentos sejam divididos e separados, segundo a espécie c natureza dos crimes, sexo e idade. A insufficiencia, porém, do edificio, não permitte, por emquanto, o restricto cumprimento dessa determinação.

A convivência com os outros num cubiculo é para o detido uma necessidade.

Quem está preso, detesta ò isolamento; mas a verdade é que da vida em commum, resultam para o novato que se vê mettido com os veteranos, perniciosos ensinamentos, além de que aquelle adquire relações de tal sorte funestas * que nenhum espirito forte será capaz de destruir os effeitos da seducção constante e persistente dos que sentem especial satisfação quando *lançam* mais um *irmão da opa.*

Não pertenço também ao numeroso grupo daquelles que «entendem que a prisão, conservando toda a força correctiva de um castigo legal, deixou de representar da parte da sociedade para com o individuo uma espécie de vingança, cuja idéa, no silencio e na inactividade dos cubiculos, lhe exacerba a dor e os máos instinctos, c, longe de o' regenerar, o faz conceber a perpetração de novos crimes».

... Entre nós, só se dão destes casos com os autores de roubos c furtos e os contraventores de vadiagem, porque, quanto ao verdadeiro homicida, cumprida que seja durante alguns annos, uma pena regular na Casa de Correção, é raro verificar-se uma reincidencia.

Gesare Lombroso, com aquella notável proficiência tão reconhecida, affirma em um dos seus recentes artigos :

« Numerosas são as causas de delinquência que um povo enérgico pode chegar a eliminar do seu seio — as causas económicas, por exemplo. Onde a riqueza póde attingir rapidamente proporções enormes, incita á concussão e á gatunagem, aos delictos contra os bons costumes, ao fabrico da moeda falsa.

A miséria, por seu turno, incita ao roubo, ao incêndio, ao banditismo, que muitas vezes só devem ser considerados formas primitivas das reivindicações económicas.

« O alcoolismo é outro reproductor da delinquencia ; devem-se-lhe muitos attentados ao pudor e muitos ataques violentos ao individuo e á propriedade. Mas o alcoolismo tem as

suas causas sociaes, pois que ás bebidas espirituosas se impõem a quem não sabe obter mais nobres excitantes dos centros nervosos.

Quanto aos effeitos da instrucção, se a cathegoria dos analphabetos dá a mais vasta proporção de arrombamentos, de ataques nocturnos, de incendios, de infanticidios — e a mais fraca proporção de falsificações — por outro lado, nos meio-lettrados domina o assassinato, a vingança, a gatunagem, e nos lettrados a concussão, a corrupção de funccionarios, as falsificações, as ameaças por escripto. Finalmente, o peculato, o estellionato e a subtracção de documentos são crimes naturalmente cspeciaes, por assim dizer, dos individuos da classe mais cultivada.

Tudo isso, pois, se compensa. E', entretanto, incontestavel que a falta ou a insufficiencia da educação familiar é uma causa fundamental da delinquencia. »

Trata o illustre scientista no seu luminoso artigo dos criminosos natos, por hereditariedade e affinidade collectiva e dos de occasião.

Quanto a estes, diz que o numero diminue quando, pelas faltas, se lhes applica a liberdade condicional, que, evitando-lhes a prisão, impede, por consequncia, a sua transformação em profissionaes da delinquência. Para isso ainda mais contribuem as instituições fundadas para educação das creanças abandonadas, das crcanças anormaes e até daquellas que se entregam aos prazeres do alcoolismo, substituindo pelo abuso das bebidas espirituosas o gosto do chá, do café e os estimulantes cerebraes de ordem superior, taes como os espectáculos públicos.

« E' nesse emprehendimento que rivalisam a Inglaterra, a Escossia c o cantão de Genebra, únicos paizes na Europa onde ao constante augmento da população corresponde a constante e enorme diminuição da criminalidade grave.

A Europa obterá o mesmo resultado no dia próximo, sem duvida, cm que tiver comprehendido que a cura preventiva é um processo mais económico c mais humano para defender a sociedade das furiosas ondas do crime do que bs rigores judiciários e penaes pouco temidos, aliás, dos culpados, mas acabrunhantes para os innocentes no dia em que todas as nações ditas civilisadas se resolverem, finalmente, a restringir as suas despezas militares, para consagrar á guerra ao crime uma grande parte das suas forcas moraes e materiaes.»

Abaixo transcrevo o pequeno trabalho que publiquei no *Jornal do Commercio*, em 1 de agosto de 1902, sob o titulo : *A infanciaabandonada do Rio de Janeiro*:

E' dolorosa a impressão que experimentamos, lançando estas primeiras linhas acerca de um problema de solução difficil, mas urgente, que, entretanto, ninguem procura resolver, em bem da sociedade, que se sente ameaçada, e cm defesa do futuro, que parece compromettido.

As repetidas noticias de crimes successivos, algumas encimadas com o titulo — ***Assassinos*** *precoces* — ao passo que attestam a perversão dos costumes, em meio da qual cresce a infancia desprotegida no Rio de Janeiro, faz pensar com horror nessa nova geração que ha de vir, que ha de substituir a actual c abysmar o paiz na desordem e na anarchia, contra a qual não valerão, para extinguil-a, repressões de especie alguma.

A infância nesta Capital está entregue ao abandono e ao vicio.

Desde os mais verdes annos, desde que começa a andar, ensaia, mede os primeiros passos na rua ; dorme os primeiros somnos longe do collo materno, dorme ao relento e á chuva, sobre as soleiras das portas, cie promiscuidade com os vagabundos, com os mendigos e com os gatunos ; aprende com essa convivência a tentação da vagabundagem, da mendicidade, do furto, da immoralidade, dos crimes ; e faz provisão de doenças, de enfermidades que ficam incuráveis, aggravando a sua perpetua miseria, da qual nunca mais se liberta, seja qual fôr a idade a que attinja.

E' tempo de olhar para esse abandono, de cuidar de tão doloroso assumpto. O problema do soffrimento precisa ser resolvido ; é um dos que perturbam mais facilmente o entendimento c o juizo c reveste sempre proporção gravissima quando se apresenta á nossa consciência e aos nossos

olhos, como agora, acompanhado do espectaculo de males, que se poderiam evitar, c que affligem c pervertem seres inconscientes, pequenos miseraveis, que nenhuma culpa têm do seu infortúnio e da sua desgraça.

Que outro assumpto ha ahi que necessite de mais urgente estudo ? One problema reclama solução mais prompta c efficaz ? Que fraqueza, que miseria obriga mais á assistencia publica pedir remedio e caridade com mais direito c com mais justiça !

A falta de uma repressão severa c energica, a falta de «uma correcção efficaz, esquecida a infância pela indifferença **ou** *sentimentalismo*, dá em resultado o augmento progressivo destes infelizes abandonados, que em grande numero se encontram nas ruas desta cidade, doentios e maltrapilhos, na pratica de furtos e de outros actos condemnaveis.

Temos por dever profissional percorrido durante longas noites diversas ruas desta cidade, afim de melhor colher informações, de observar de perto essas infelizes creanças que a desidia dos poderes públicos c a benevolencia criminosa dos pais atira-as ao acaso, com a indifferença propila de corações amesquinhados pela avareza, sem amor, sem piedade, sem qualquer vislumbre de sentimento humanitario.

Vimol-as nas soleiras das portas, dormindo ao relento ; vimos, muitas vezes, as bátegas de chuva cahir sobre seus corpos franzinos e quasi desnudados, agglomeradas, unidas, tão unidas, tão aconchegadas umas ás outras, como se fôra um só corpo que, encolhido, procurasse evitar os rigores do frio intenso c as intemperies da noite tempestuosa c lugubre.

Nos diversos pontos da nossa visita encontrámos 68 menores, desde a idade de 16 annos até sete. Uns diziam-se orphãos de pai ou mãi, outros abandonados pelos pais ou parentes c outros fugidos do próprio lar, para entregarem-se á ociosidade, ao vicio c ao crime.

Os pontos mais conhecidos em que passam as noites esses infelizes, são : largo da Sé, travessa do Rosário, becco do Fisco, rua Senhor dos Passos, ladeira do Convento de S. Bento, chafariz do largo da Carioca, mirante da ladeira do Convento de Santo Antonio, entrada da chácara do Céo, na rua do Senado, praça das Marinhas, largo do Moura, praça Tiradentes, largo de S. Domingos, praça General Osorio, praça da Acclamação, pontes do canal do Mangue, largo do Matadouro, etc.

Durante o dia, esses bandos, dispersos, correm as ruas da cidade, commettendo pequenos furtos de amostras de generos c de mercadorias de

todas as qualidades, que vendem por preços muito reduzidos, sem que lhes importe o valor real do objecto furtado. Escusado c accrescentar que além desse dclicto, entregam-se, na sua maioria, á pratica de actos repulsivos, formam grupos á frente dos batalhões, cm exercicios de capoeiragem, triste espectaculo que constantemente se apresenta ás nossas vistas, rôtos, maltrapilhos e muitas vezes tendo por calças saccos de aniagem ou velhas calcas *garance* da soldadesca.

Pela madrugada, quando a população está em descanso das labutas diárias, entram os *pivetes*, menores gatunos, a dar principio aos seus *trabalhos*, assaltando e aggrcdindo os poucos transeuntes que áquella hora se recolhem ás suas residencias, ou procurando os ébrios cahidos pelas calçadas para saquear-lhes as algibeiras, isto é, *limpar um cadáver*, como dizem na sua giria, c, quando nada mais encontram, furtam-lhes o chapéo, as botinas, o paletó, para venderem.

Durante o dia e parte da noite acommettem cm grupos as portas das casas de negocio, furtando mercadorias de toda a especie.

Outras vezes, convidam os individuos tocadores de realejo, acompanhados de macaco, para essas fúteis exhibições c, quando o povo se agglomera a observar os exercicios do simio, elles, os *pivetes*, furtam-lhes desde o lenço até o relógio.

Os mais audaciosos, mais ágeis c mais espertos, são aproveitados pelos ladrões, que delles se servem como grandes auxiliares nos assaltos das casas, quer commerciaes, quer particulares. *Guellas*, assim chamam a estes menores, que, ou se introduzem nas casas, occultando-se no interior para abrir as portas ou janellas e dar entrada aos ladrões, ou se introduzem nas mesmas, entrando por pequenas aberturas feitas nas paredes. Outras vezes, deitam-se ás soleiras das portas, fingindo que estão dormindo, para não despertar desconfiança dos transeuntes, mas ahi estão munidos de um ferro especial levantando os ferrolhos das porias, emquanto os ladrões passeiam pelas calçadas oppostas até que o *trabalho* fique concluido c elles com a gazúa possam facilmente abrir as fechaduras.

Dado o roubo, muitas vezes é o *guella* que o carrega para evitar que, preso o ladrão, seja encontrado cm seu poder os objectos roubados, o que constitue na lei circumstancia attenuante para o criminoso.

Os *pivetes* sSo considerados na classe como aprendizes de ladrões, emquanto que os *guellas* são auxiliares.

Quando, com o pequeno producto do furto, obtêm dinheiro para comer nas tascas mais immundas, e lhes sobram alguns nickeis, pernoitam nas hospedarias de baixa classe das ruas da Misericórdia, Senhor dos

Passos, becco dos Ferreiros, etc., mediante a ridicula quantia de 2<oo e 3oo réis pela noitada.

Ahi dormem no proprio assoalho ou cm velhas e infectas esteiras de palhas.

, Não raro se encontram estes menores roucos, anemicos, affectados de moléstias de pelle c indicios de outras enfermidades que lentamente lhes vão minando a existencia.

Um calão especial é por elles usado, alguns termos do qual, para dar uma ligeira idéa, aqui registramos:

Diancú, o proprietario do estabelecimento que os observa de dentro do mesmo estabelecimento;

Chafa, soldado de policia;
Tira, agente de policia;
Majorengo, delegado de policia;
Majorengo-mór, chefe de policia;
Afanar, furtar as amostras ou mercadorias;
Espiantar, fugir;
Afanado, gatuno que está processado;
Lunfa, ladrão;
Pivete, pequeno gatuno;
Guella, auxiliar de ladrão;
Dobo, relogio;
Marroca ou *amarra*, corrente de relogio;
rinche, alfinete de gravata;
Guita ou *vento*, dinheiro;
A la gorda, muito dinheiro;
Outario, o individuo que é roubado;
Está micho, quando não se encontra dinheiro;
Fuma, objectos de ouro ou de valor;
* *Micho*, prata, latão, etc;
Escrunchante, ladrão arrombador de portas;
Punguista, batedor de carteira;
Achacador de outario, o passador de contos de vigário;
Manjaro tempo, abreviar o que está fazendo;
Irmão da opa, o que exerce a mesma profissão criminosa;
Fazer cadáver, revistar o ébrio, para furtar ou roubar;
Esparro, o que coadjuva o furto ou o roubo;
Autopsia, tirar tudo o que tiver o individuo;
Levar o toco, repartir o furto ou o producto quando vendido;

Intrujão, o comprador do furto ou do roubo ;

Metter a lança, introduzir dous dedos no bolso da calça ou do paletó para furtar.

Seria longa a publicação deste calão, que varia conforme o grupo.

Os *pivetes* usam mais deste, emquanto que os *guellas* se servem de outros que são usados entre os ladrões hespanhóes, ou entre os italianos.

Devemos dizer que no calão dos *pivetes* muitas das palavras são usadas pelos ladrões, o que demonstra a origem dessa curiosa giria c a convivencia com elles.

Interrogamos vários desses *pivetes*. *Em* uns notamos certo acanhamento, negação ás nossas perguntas, evasivas, queixas de abandono dos pais e máo tracto ; cm outros a desembaraçada confissão da sua vida desregrada com visivel desprendimento de uma calma inconsciente, indifferente, rematada pela frieza desta simples phrase -- *E' sina que quer !*

Os mais timoratos respondiam ás nossas perguntas, choramigando ou fingindo, receiosoá de que fallavam com algum *majorengo* ou *tira*, *c*, num esforço rápido, fugiam-nos da mão e de longe, reunidos com outros, atiravam-nos pedras ou prorompiam em vaias.

A maioria desses *pivetes* c composta de menores pretos e pardos. Dá-se uma circumstancia digna de nota: No meio desses *pivetes*, encontram-se meninos de boas familias, que receberam educação, e, no entanto, fogem dos estabelecimentos de instrucção e áquelles vão associar-se, vendendo a roupa c o calçado, quando a necessidade urge, sendo prompla a assimilação a esses grupos.

Os que não conseguem com facilidade commetter furtos, recorrem á caridade, pedindo alimento, indo á noite ás portas dos hotéis e casas de pasto munir-se dos restos que sobram das cozinhas.

Entregam-se ainda esses infelizes a provocar pequenas rixas, com creanças pacificas que encontram nas ruas, esbordoando-as a ponto de feril-as.

Curiosa c significativa é a seguinte estatistica acerca da entrada, de menores na Casa de Detenção.

Em 1891 :

NACIONALIDADES	NUMERO DE INDIVIDUOS	NUMERO DE ENTRADAS	MOTIVOS DE PRISÃO											
			Vadios e desordeiros	Gatunos	Furto	Instrumentos para roubar	Estellionato	Offensas á moral	Jogo	Aggressão	Uso de armas	Offensas a hygiene	Homicidio	Averiguações
Brazil	154	209	47	131	14	3	1	3	2	.	.	6	1	3
Portugal. . . .	73	114	23	71	10	1	.	.	2	1	1	2	*	3
Itália.	10	25	3	15	2	.	.	.	3	.	.	.	1	1
Hespanha . . .	6	16	1	14	.	.	.	.	.	.	.	.	.	1
Somma . . .	243	364	74	231	26	5	1	1	7	1	1	10	2	8

No 1° semestre deste anno:

NACIONALIDADES	NUMERO DE INDIVIDUOS	NUMERO DE ENTRADAS	MOTIVOS DE PRISÃO							
			Vadios e desordeiros	Gatunos	Furto	Instrumentos para roubar	Jogo	Aggressão	Offensas á moral	Averiguações
Brazil	Ba	82	33	36	5	3	1	1	.	1
Portugal	42	42	12	27	2	1	.	.	1	
Italia	12	16	3	13						
Hespanha	8	10	1	4	4	.	.	.	.	1
Somma	144	150	49	80	14	3	1	1	1	2

Por essa estatistica se vê que o numero de menores gatunos é desproporcional em relação aos outros dclictos, estando designados cm segundo logar os vadios c desordeiros c cm terceiro os que furtam, cm numero muito reduzido.

O Código Penal no art. 399, diz:

c< Deixar de exercitar profissão, officio, ou qualquer mister com que ganhe a vida, não possuindo meio de subsistencia c domicilio certo cm que habite ; prover a subsistencia por meio de occupação prohibida pôr lei, ou manifestamente offensiva á moral e aos bons costumes — Pena de prisão cellular por 15 a 30 dias.

§ 1.° Pela mesma sentença que condemnar o infractor como vadio, ou vagabundo, será elle obrigado a assignar termo de tomar occupação dentro de 15 dias, contados do cumprimento da pena.

§ 2.° Os maiores de 14 amos serão recolhidos a estabelecimentos disciplinares industriaes, onde poderão ser conservados até a idade de 21 annos.

Art. 400. Se ó termo fôr quebrado, o que importará reincidencia, o infractor será recolhido, por um a tres annos, ás colónias penaes, que se fundarem em ilhas maritimas ou nas fronteiras do território ríacional, podendo para esse fim ser aproveitados os presidios militares existentes.

Paragrapho unico. Se o infractor fôr estrangeiro será deportado.

Art. 402. Fazer nas ruas e praças publicas exercicios de agilidade e destreza corporal conhecidos pela denominação de *capoeiragem* ; andar em correrias, com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal — Pena de prisão cellular por dois a seis mezes.»

Raros são os *pivetes* processados pelo crime de furto, cuja pena é de um a tres mezes de prisão e multa de cinco a 20 % do valor do objecto furtado, quando este é de valor inferior a 50$ (Código Penal, art. 330.)

Que succede, pois ?

O menor é preso quando furta qualquer mercadoria ; passa 15 ou mais dias na Casa de Detenção, dahi vem á Pretoria, assigna o termo de tomar occupação dentro de 15 dias e é posto em liberdade.

Essa medida correctiva é nulla, inefficaz e até irrisória.

Recolhido o menor á Casa de Detenção, por mais severas e energicas que sejam as medidas disciplinares desse estabelecimento, não conseguem corrigir ou morigerar o que se deixou, inconscientemente talvez, arrastar a uma vida cheia das attribulações do vadio e do gatuno, de forma, que, mesmo na prisão, illudindo a vigilância e os cuidados dos guardas, procura o menor adquirir conhecimentos perniciosos de malfeitores de toda a espécie, com quem depois cá fóra entretem estreitas relações para a pratica de outros crimes.

Quantos ainda são logo atirados para essa atmosphera empestada, de onde raros sahem indemnes, quando melhor e o mais proveitoso seria a internação em um asylo correccional em que se habituassem ao trabalho methodico e a uma disciplina mais adequada á sua idade e ás suas forças.

Que a prisão em taes condições não corrige e que, pelo contrario, incita mais os menores á vagabundagem e ao furto, affirma-o a própria

estatistica acima, pois que, no anno passado, dos 246 menores que alli estiveram, o numero de entradas foi de 364 e já se nota no 1° semestre deste anno algumas reincidencias.

E' facto observado pelo próprio Sr. coronel Ildefonso de Azevedo, director da Casa de Detenção que, menores que alli estiveram por crime não infamante e de pequena monta, de novo voltam, por terem commettido crime infamante e do qual não se corrigem.

Para evitar a approximação com os outros criminosos, o director daquelle estabelecimento, por falta de prisão apropriada, os colloca em cubiculos separados que, antigamente, serviam para castigos disciplinares.

Se por um lado consegue essa salutar medida desviar o menor de más convivencias, por outro está elle sujeito ás péssimas condições hygienicas desses cubiculos.

Visitámos na prisão esses infelizes, a quem interrogámos. Nas duas vezes que alli fomos encontrámos 31 menores de 17 a 12 annos de idade.

Com facilidade e certo desprendimento respondiam ás perguntas que lhes faziamos, trocando olhares e risos abafados, na inconsciência própria dos viciosos, affeitos á libertinagem e aos pequenos crimes.

Na sua quasi totalidade, são conhecido: por alcunhas, taes como: *Charuto, Bexiga, Bexiguinha, Bombacha, Capenguinha da Carioca, Moleque da Bahiana, Moleque Julio, Malaia, Machamby, Maneca, Peixe Porco, Russinho, Sete Cabeças, Trinca Espinhas, Trinta e Quatro, Camões, Zê Boi, Piloto, Branquinho,* etc.

Estes nomes de guerra são já dos reincidentes, que usam do artificio de mudar de nome quando presos, mas que facilmente se descobrem pela alcunha, com que são conhecidos.

Usam ainda do seguinte estratagema :

Quando são dous presos, um dá o nome do outro, no intuito de confundir a autoridade que, para saber se são reincidentes, recorre ao livro de registro, de maneira que, ás vezes, encontra o nome de um menor branco e apparece-lhe um de côr, menciona um signal qualquer, mas não o descobre.

Em 1893, por decreto n. 145, de 11 de julho, foi autorisado o Governo a fundar uma colónia correccional no próprio nacional da Fazenda da Boa Vista, na Parahyba do Sul, ou onde melhor lhe parecesse.

Effectivamente, estabeleceu-se uma colónia correccional para adultos na Fazenda dos Dous Rios, em Angra dos Reis, mas de pouca duração foi essa colónia.

Não era, pois, uma colónia correcional para menores e, portanto, nada ainda se fez definitivamente em pról das creanças abandonadas.

E' facto que, devido á generosa iniciativa do Sr. Dr. Brazil Silvado, quando chefe de policia, fundou-se a Escola Quinze de Novembro, dirigida pelo cónego Amador Bueno, que nella acolheu avultado numero de menores ociosos que se achavam na Casa de Detenção.

Alas, apezar dos bons intuitos da novel instituição, ella vive com certa difficuldade, mantida mais pela generosidade publica do que pela dos poderes officiaes; de maneira que se lhe torna impossivel augmentar o numero dos reclusos.

Parece também que alli foram admittidos menores a pedido de pais e parentes, cujas condições moraes não eram iguaes ás dos que alli se achavam.

Essa promiscuidade, essa convivencia não nos parece que mereça applausos, pois colloca em igualdade de circumstancias menores de boa conducta em um meio pernicioso, que por certo lentamente influirá no seu espirito, incutindo-lhes sentimentos reprováveis e ensinamentos que progressivamente lhes vão absorvendo as boas qualidades moraes que possuem e que receberam em um meio puro e são, entre os carinhos e affagos da familia.

Ainda assim, não se póde affirmar que se haja cogitado sériamente de uma medida energica em favor da infância abandonada nesta capital, dando-lhe um destino certo, aproveitável e moralisador.

E' facto que alguns desses viciosos são enviados ás corporações militares, mas raros, muitos raros são os que nella assentam praça, pois que, submettidos á inspecção de saúde, revelam não terem nem o physico nem a saude perfeita para tal serviço.

O resultado é que voltam novamente a engrossar as fileiras da vagabundagem, mais audaciosos pela certeza de que a repressão dos seus actos será apenas a reclusão na Casa de Detenção, o que elles chamam *descançar no retiro*.

Da tribuna do Senado o Sr. Dr. Lopes Trovão, em um discurso vibrante, tratando da necessidade de uma lei para protecção das creancas abandonadas e da organisação do trabalho para menores, disse: « Quem com olhos observadores percorre a Capital da Republica vê apezarado que é neste meio (a rua; que boa parte da nossa infância vive ás soltas, em liberdade condicional ao abandono, imbuindo-se de todos os desrespeitos, saturando-se de todos os vicios, apparelhando-se para todos os crimes ».

Accrescenta ainda o mesmo senador:

« Os máos exemplos que a creança aprende no convivio da multidão anonyma são germens desmoralisadores que, trabalhando hoje como motivo passageiro de perturbação, actuarão amanhã como causa permanente de dissolução na familia. E, se é verdade, como ensina o vosso direito, que a familia é a base da sociedade e da sociedade é que depende a existência das nações, dizei-me:— Que será de nós se a tolerancia dos poderes públicos continuar fria, indifferente, impassivel ante o meio perversor em que a nossa infância está a comprometter com a saúde do corpo a sanidade do espirito? »

O que convém accentuar é que não nos consta que os pais desses menores abandonados, que vivem entregues ao vicio, ao crime e á libertinagem, tenham sido chamados á presença das autoridades, para darem conta do seu procedimento. Os filhos entram e sahem das prisões sem que elles intervenham, quer para libertal-os, quer para serem coagidos a dar-lhes um destino ou correctivo.

Quanto aos parentes ou tutores, se é que os menores os têm, esses são os que positivamente nem apparecem.

Os menores dirigem-se a si próprios. Quando enfermos, recolhem-se á Santa Casa da Misericordia, vivem como se fossem legalmente emancipados, voltam de novo á antiga e irregular existência, sem que os soffrimentos quer physicos, quer moraes, consigam melhorar a sua conducta ou, pelo menos, refreiar os desmandos de seus actos inconscientes e inconfessáveis.

E não são só estas creancas abandonadas que precisam de amparo e de protecção dos poderes públicos.

Essa não menos dolorosa alluvião de meninos e meninas que mendigam pelas ruas desta capital, iniciando-se em uma vida licenciosa, perdendo todo o pudor e todo o respeito que lhes deviam dar a sua idade e o seu sexo.

No emtanto, não são orphãos, e exercitam esse meio de vida por ordenação de pais sem moral, interesseiros e indolentes.

O Código Penal no art. 395 assim se expressa:

« Permittir que uma pessoa menor de 14 annos sujeita a seu poder ou confiada á sua guarda e vigilância ande a mendigar, tire ou não lucro para si ou para outrem — Pena de prisão cellular por um a tres mezes. »

Quantos terão cumprido esta justa e moralisadora pena?

A falta de execução das penas impostas pela lei, dá sempre em resultado o augmento de infractores, convencidos da impunidade pela indifferença dos que cumprem fazel-a observar.

Do pedintes, maltratados pelos progenitores pela falta de uma féria satisfactoria á sua ganancia, começam por abandonar o lar e, dentro em pouco tempo, vão engrossar os grupos dos viciosos c dos gatunos.

As meninas, para quem o pudor c sentimento desconhecido, assaltam os transeuntes, e, na vida que passam, em meios muitas vezes pouco moralisados, perdem-se c não raras se entregam a prostituição precoce.

O remedio para estes males depende em grande parte da policia, que deve vigiar sobre estas infelizes creanças, apprehendel-as e tratar de crear colónias ou escolas correccionaes, onde ellas sejam internadas, recebam a **necessária** educação e instrucção e possam vir, assim, a ser úteis a si e á sociedade, empregando todo o esforço para evitar a sua promiscuidade com individuos de má nota c de máos costumes.

E' praxe, mas que deve ser severamente condemnada, a remessa dessas creanças para o xadrez das estações policiaes, que é sempre uma escola repugnante c que, longe de corrigir, mais as perverte.

Emquanto, porém, não se resolve a creação dessas escolas ou dessas colónias, funde-se um albergue modesto para abrigo dessas infelizes sem tecto, trate-se de revigorar o seu physico tão depauperado, emquanto os poderes públicos não cuidam de as levantar do abatimento moral em que vivem.

Diante de tão triste quadro, que não póde deixar de conpungir as almas nobres e generosas, não faltará quem se associe á obra caridosa de proteger esses desherdados da sorte.

O delinquente, logo que chega á Casa de Detenção, é enviado para a secretaria, afim de ser matriculado. Consta a matricula do registro, do numero respectivo, nome, idade, filiação, estado, profissão, designação do juiz a cuja disposição foi preso e do crime de que c accusado.

Na antiga rubrica das marcas particulares e cicatrizes, apenas figura hoje o numero da prova de identidade remettida pelo Gabinete de Identificação e de Estatistica.

Em seguida, vae o detento á rouparia, entregar o chapéo e o casaco, e dahi é recolhido ao cubiculo que lhe for designado.

No dia seguinte, volta á rouparia, onde veste o casaco, e segue para o Gabinete de Identificação e de Estatistica, que funcciona em uma das dependências da Casa de Correcção.

Ahi é identificado. A identificação comprehende as medições de accôrdo com o methodo Bertillon, photographia de frente e de perfil, na escala de 1/7, marcas particulares, cicatrizes e tatuagens, e impressões digitaes tomadas e classificadas pelo methodo Vucetich, que a lei distingue como o mais positivo e seguro.

Obtem-se assim um verdadeiro documento de pessoa que nada depõe contra o identificado, pois os antecedentes criminaes que este porventura tiver, não constam da ficha e sim das informações a ella correspondentes no registro criminal.

Inserimos em seguida a nossa ficha antropometrica c a nossa individual dactyloscopica, que, por curiosidade e para melhor se poder apreciar o serviço, tomámos naquelle gabinete.

Nome Marcelo Senna Vulgo

Idade 45 annos Natur. Rio de Janeiro

Filho de Luiz Duque Senna e de Rachel J. L. de Senna

Prof. Jornalista Instr. Superior Es. Casado Reside Rua 5

Matr. n.º de Guia Ident. em

Motivo

Observações

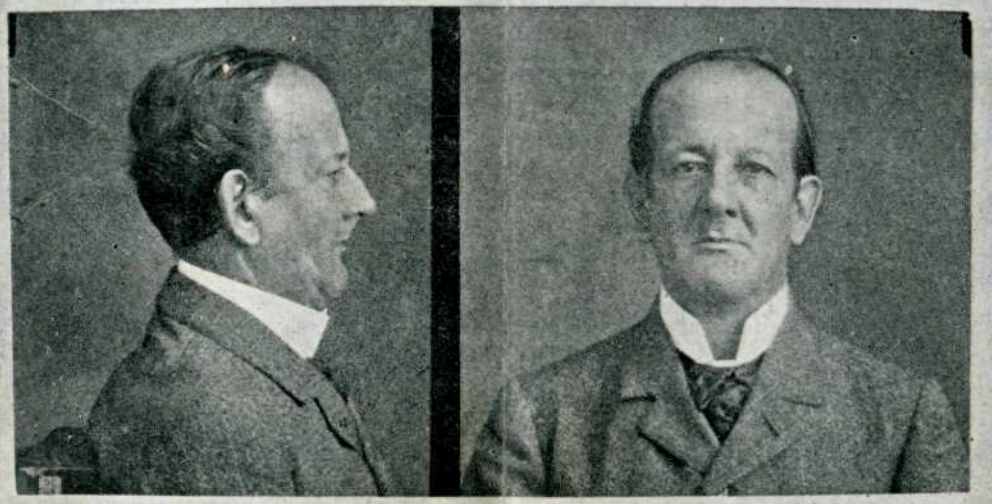
MARCAS PARTICULARES, CICATRIZES E TATUAGENS

I	IV
II	V
III	VI

Gabinete de Identificação e de Estatística — Policia do Districto Federal — Brazil

Altura 1m 67	Cabeça	Comp 18,3½	Pé esq. 26	Côr da íris esq.	n.º 3-4	côr Branca
Curvatura		Larg 14,5 a	Med. esq. 10,8		aur. [illegible]	cab. Cast. esc.
Braça 63		Bi-zyg 12,2	Mia. esq. 8,3		periph. [illegible]	barb. Raspada
Busto 0,m 86,5		Or. dir.-comp. 7,1	Ant-br-esq. 14		parts.	big. "

REDUÇÃO 1/7



BRAZIL

POLICIA DO DISTRICTO FEDERAL

Systema Vucetich

Gabinete de Identificação a de Estatistica

RIO — E JANEIRO.

Registro Geral V.

SERIE		SECÇÃO	
Mão direita			Mão esquerda
	POLLEGRES		I
4	INDICADORES		2
3	MEDIOS		2
4	ANNULARES		4
4	MINIMOS		2

Registro Geral n.º Sema

Nome Ernesto Sema Vulgo

Idade 45 annos Naturalidade Rio de Janeiro

Filho de Luiz Augusto de Sema e de Rachel J. S. de Sema

Profissão Jornalista Instrucção Superior Estado casado Residencia rua da Luz 5.

Matricula de Guia Identificado em

Motivo

Observações

FIRMA DO DETENTO

FIRMA DO OPERADOR

Uma vez identificado, o preso volta novamente á rouparia, onde deixa o vestuário que lhe pertence e recebe o da casa — duas calcas de zuarte azul e duas camisas de algodão branco, tendo estas no peito as iniciaes C. D. Depois, recolhe-se ao cubiculo que lhe for destinado.

As roupas são lavadas por elle proprio.

Os banhos são tomados por turmas de seis*.

Em geral, os presos são pouco asseiados, havendo até muitos que relutam e protestam contra essas medidas de hygiene.

A alimentação é fornecida conforme a tabeliã seguinte :

	GENÊROS	PESO OU MEDIDA	RAÇÕES
Almoço ás segundas, terças, quartas, sextas e sabbados	Café Pão Assucar,	1 kilogrammo 1 » 1 »	Para 20 detentos. » 5 » » 10 »
Almoço ás quintas e domingos	Pão Matte Assucar.	1 kilogrammo 1 » 1 »	Para 5 detentos. » 50 » » 10 »
Jantar aos domingos, terças e quintas.	Carne verde Toucinho Farinha Feijão Arroz Vinagre Condimentos	1 kilogrammo 1 » 1 litro 1 » 1 » 1 » to réis.	Para 2 detentos. » 30 » » 3 » » 4 » » 6 » » 80 » » 1 detento
Jantar ás segundas, quartan e sabbados.	Carne secca Feijão Farinha Toucinho Vinagre Condimentos	1 kilogrammo 1 litro 1 » 1 kilogramma 1 litro 10 réis.	Para 4 detentos. » 4 » » 3 » » 20 » » 80 » » 1 detento
Jantar ás sextas feiras	Bacalhão Feijão Farinha Arroz Toucinho Azeite Vinagre Condimentos	1 kilogrammo 1 litro. 1 » 1 » 1 kilogrammo 1 litro 1 » 10 réia	Para 4 detentos. » 4 » » 3 » » 6 » » 20 » » 100 » » 80 » » 1 detento

O estabelecimento possue tres salas de enfermaria, com um facultativo e um interno, havendo tambem em uma pequena dependência armários contendo material cirúrgico e remédios exigidos com urgência em casos graves. As receitas, são aviadas na pharmacia da Correcção e ás dietas preparadas na própria cozinha do estabelecimento, de accordo com uma tabeliã especial.

O silencio geral nas galerias, no inverno, começa ás oito horas da noite e, no verão, ás nove.

Só são fornecidos cobertores e permittido o uso de pequenos colchões aos presos pronunciados, aos condemnados em gráo de recurso e aos condemnados em ultima instancia, que aguardam a transferencia para a Casa de Correcção.

Os castigos impostos aos detentos que attentam contra a disciplina, são os seguintes : admoestação reservada ; reprehensão em publico ; mudança de cubiculo ; privação de visita e correspondência ; prohibição de trabalho ; prisão em solitária; prisão em solitária com restricção alimentar.

No edificio existem cubiculos que podem accommodar 20 detentos.

Estes só ficam isolados por motivo de má conducta. Em cada cubiculo existe um detento responsável pela ordem e pelo asseio e que é geralmente obedecido pelos seus companheiros.

Apezar da vigilância, como em todas as prisões, os vicios contra a natureza são communs durante as horas de repouso.

Não ha, nem na Casa de Detenção, nem na de Correcção, esse rigor de castigar constantemente o recluso, que lhe exacerba o génio, o obriga a cahir na falta da disciplina interna, a cada momento, pelo que tem de soffrer com deshumanidade uma pena corporal muitas vezes incompativel com o seu physico e as suas forcas.

A grande maioria dos detentos só cogita na sua liberdade e em fazer passar o mais breve possivel os dias de reclusão, entregando-se ao trabalho, á leitura, ou procurando diversões que, embora prohibidas pelo regulamento, não são no emtanto perniciosas.

Os raios do sol, entrando a medo pelas grades dá prisão, como uma esperança fagueira de liberdade, despertam-lhes a saudade do bem que perderam e o arrependimento do mal que praticaram e é assim que todos procuram esquecer as provações por que passam.

Os dias são por elles contados hora a hora, minuto a minuto, e é commum, ao conversar-se com qualquer desses delinquentes, ouvir com admirável precisão e presteza a somma total dos seus dias de reclusão.

E' facto que sempre existe nas prisões um pequeno numero de delinquentes, que, ou obedecendo aos próprios instinctos perversos, ou para se precaver de qualquer aggressão dos companheiros, passam horas e horas a fabricar instrumentos contundentes e perfurantes, servindo-se para isso de folha de Flandres, pregos, colheres e pequenos pedaços de arco de barril, que aguçam e amolam nas pedras dos cubiculos com essa persistencia e paciência que dimanam da força de vontade e do propósito de levar uma árdua tarefa até o fim, porquanto executam esse trabalho ás escondidas, aproveitando a falta de vigilância dos guardas, ou as horas em que ha maior movimento nas galerias.

O detento desconfia sempre dos companheiros de cubiculo e não raro se dão lutas serias entre elles, muitas vezes por motivos frivolos provocados por questões de opinião, por suspeita de trapaçaria ao jogo ou por falta de qualquer objecto ordinário de uso próprio.

Outros passam o tempo em alegres conversações, narrando peripécias de sua vida intima, fantásticas aventuras,

pilhérias que os distraem e lhes tornam as horas mais rápidas e os dias mais curtos.

Outros ainda procuram passa-tempo na confecção, á penna, de pequenos jornaes com desenhos, fabricam baralhos de cartas, cartões de vispora, damas e outros jogos de rápida comprehensão, com que se divertem com os companheiros; desenham a lápis preto e de cores monogrammas, navios, caricaturas, etc.; e, finalmente, entregam-se ao trabalho, nas dependências do edificio, ou á execução de pequenas tetéas de madeira, papelão, miolo de pão, pedra britada, etc.

Os trabalhos que dependem de escripta ou de pintura, são sempre executados sobre o soalho do cubiculo, de forma que os detentos vêem-se obrigados a permanecer longas horas, durante dias seguidos, deitados de barriga para baixo.

Pennas de Mallat, pequenos pincéis, papel enrolado, palitos, tinta de escrever e de cores, anilina, gomma arábica, lápis preto e de cores, papel branco ou pardo (do chamado papel de embrulho) pedaços de madeira, papelão, miolo de pão, etc., taes são os materiaes que elles conseguem obter para os seus variados trabalhos.

Eis aqui o specimen de um jornal feito a penna e desenho a lápis preto, com seis paginas, publicado ultimamente na Casa de Detenção e que teve leitores em quasi todos os cubiculos:

Outros muitos jornaes têm apparecido na Casa de Detenção, taes como. o *Crtitico*, o *Vagalume*, o *Imparcial*, etc., uns com desenhos e prosa humoristica, outros explorando francamente a immoralidade, attribuindo a taes e taes detentos ou empregados a pratica de actos indecentes e repugnantes.

Os menos depravados lançam sobre folhas de papel originalissimos desenhos, que, não raro, representam allusões a companheiros de infortúnio, e outros ainda confeccionam coloridos monogrammas e figuras em que revelam certo gráo de intuição artistica.

No meio dessa alluvião de criminosos, que passam pelas galerias da Casa de Detenção, encontram-se alguns dotados de bastante cultivo intellectual, de grande habilidade para as artes, conhecedores de varias linguas e outros cuja actividade e intelligencia se applicam á cogitação de um plano seguro de liberdade.

Os que se entregam por completo á inactividade, que passam os dias de reclusão completamente afastados dos companheiros, sem procurar distracção de qualquer natureza, passando o tempo em constante indolência do corpo, dormindo quasi sempre, ou sentados a um canto do cubiculo, são, algumas vezes, acommettidos de manias e originalidades que redundam no desequilibrio da razão e, dahi, na loucura.

Quanto ás mulheres, passam os dias de reclusão na mais perniciosa ociosidade.

Consomem o tempo em tagarellices ou dormindo. Rarissimas são as que se sentem envergonhadas ou acabrunhadas pelas tristes condições em que se acham, inconscientes até da privação da sua própria liberdade.

A essas detentas se deveria dar uma occupação, uma tarefa, de maneira a obrigal-as ao trabalho, porquanto,

devido á certeza que têm de não serem coagidas a serviço de qualquer espécie, tornam-se indifferentes, resultando disso a reincidência nas contravenções.

Constitue-se, assim, um numeroso grupo de verdadeiras pensionistas que, longe de encarar a reclusão como um castigo ou penalidade, a consideram, pelo contrario, um ponto de ociosidade e de repouso. Os diversos administradores do estabelecimento têm solicitado a creação de officinas, demonstrando as grandes vantagens que delias proviriam. O Sr. Dr. Enéas Galvão, quando chefe de policia, assim se expressou no seu relatório : « Lembrarei ainda a necessidade de modificar as condições da detenção preventiva dos individuos recolhidos á Casa de Detenção e que permanecem inactivos durante muitos mezes, á espera de demorados julgamentos plenários. A creação de officinas para toda a espécie de detentos é um *desideratum* que precisa ser alcançado; é um acto de humanidade muitas vezes regenerador de caracteres que não estão de todo corrompidos ».

Sabemos, porém, que o actual director da Casa de Detenção, Sr. capitão Meira Lima, obedecendo ás intenções do ex-chefe de policia Sr. Dr. Cardoso de Castro, cogita na creação de diversas officinas, prestando, assim, um especial serviço publico.

Não será descabido consignar aqui a necessidade de uma lei de benevolência ou tolerância para os delinquentes de pequenos crimes, commettidos pela primeira vez.

Essa medida póde trazer o mais efficaz resultado quando dispensada intelligentemente e distribuida com equidade.

O individuo incorre no crime : provado que seja seus bons antecedentes, ficará sujeito ás vistas da policia por tempo determinado, sem soffrer o duro vexame da prisão em promiscuidade com criminosos de toda espécie e sem a divulgação publica de sua falta.

A Tezoura Mysteriosa

ANNO I	Redactores chefes Rb. & J. N. R. P. Gerente Rb. A. Secretario P. J. P.	assignatura
nº 2	25 de JANEIRO de 1906	89

TELEGRAMAS.

ROMA 25 o papa Leão 13. pz fez que o Mahomedismo e o soupassou bolém os processos em revisão com o Dinheiro do cofre da Caza de Detenção, Cofre este frttl as mesmonados quasão fr. um dia para o outro, para vender aos odaresio a 400 Rs a canseca, Vagonha?.

Caza de Detencão 25

a Tizoura Mysteriosa resolveu dar combate aos que costumo irem para o cantheiro praticar actos que prejudicão a moral...

Pelo Dr. a Tizoura foi organizada para dar combate e não para se vender, atizoura não se Vende!..

XADRES FORTE! 25

á longos dias não tem avido concurrencia no Xadres forte em vista de não querem jogar sem a gorda lucia e Dias assionistas.

NOTIÇIARIO

Em prencipio hoje longe mente com o Dr. Jo No Snr JPJ.

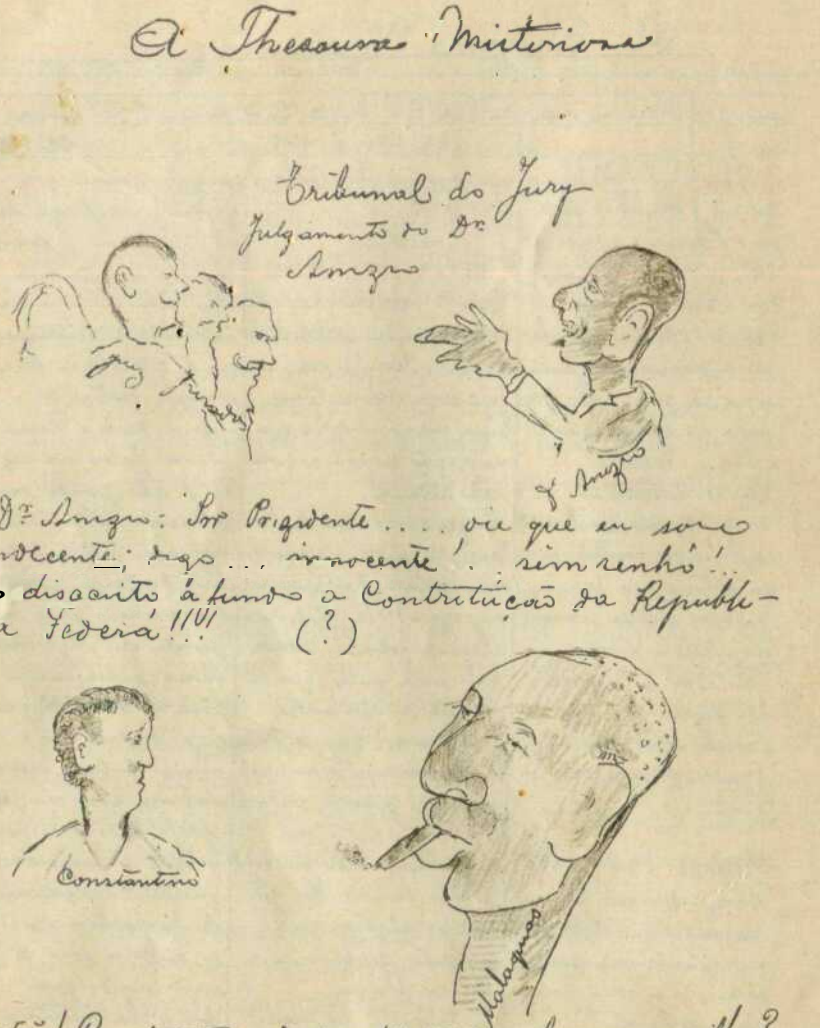
REPORTAGEA DA MANHA

Dous 12 badaladas no sino da correcção. eu na qualidade de nocturno levantei me e segui meu destino. tomei lugar em um bonde que na occazião parava a porta desta Redacção,

Chegando na rua dos revolveres apiei, e segui o meu destino. foi primeiro na caza nº 10 da citada rua e logo a entrada deparei com um vulto que se abraçava a um outro, eu supondo que se tratava de um assalto me approximei. quando vi que completamente me enganei, pois não era assalto mas sim o Snr JPJ. que se abraçava ao caturrita dizendo em baixos fiozes,

Ai. Caturrita eu morro! como eu nada tenho com tais doenças que causão a morte por instantes, me dirigi ao nº 6, onde vi a formoza pescadora que ja não tem! mais oh! mas sem ainda ter a formozura que é o bastante para arranjar freteis!

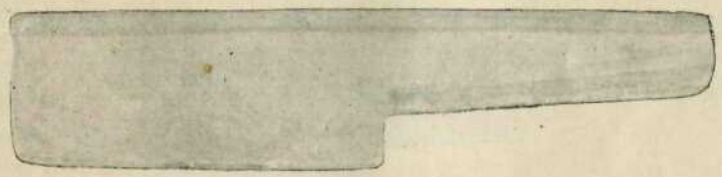
passei para a rua Alexa parei na caza nº 7 ahi pouco eu estanei em visto não não poder supportar semelhante cheiro, é nessecario que a junta de Hygiene faça suas visitas para a dita Caza, logo eu segui o meu destino e foi dar na rua do gato preto onde parei no nº 42. é imposivel que neste caza não tenha ratos pois so deparei com a medicinas as quais são o Constantino e um taes allamanda que dormem juntos



Por esse meio é quasi certa a sua rehabilitação ou regeneração immediata. Expol-o logo á execração publica, dar larga divulgação da falta que commetteu, concorrer para o seu completo desprestigio na sociedade, não é nem humanitário, nem a forma previdente de evitar a reincidência no crime.

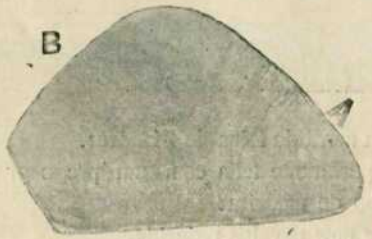
Instrumentos fabricados pelos detentos

1



2

3



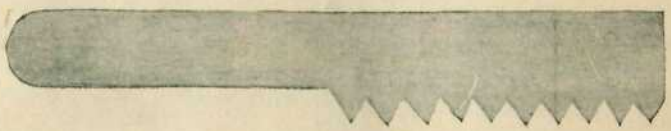
1 — Faca afiada de folha de Flandres.
2 — Arma aguçada feita de ura cabo de colher de metal branco.
3 — Lamina de aço, de gume fluo nos lados A e B.

4

5

6

7



8

4 — Pequena serra de folha de Flandres.

5 — Arma perfurante feita com um prego grande enleiado em um cabo de madeira.

6 — Parte de uma navalha reduzida.

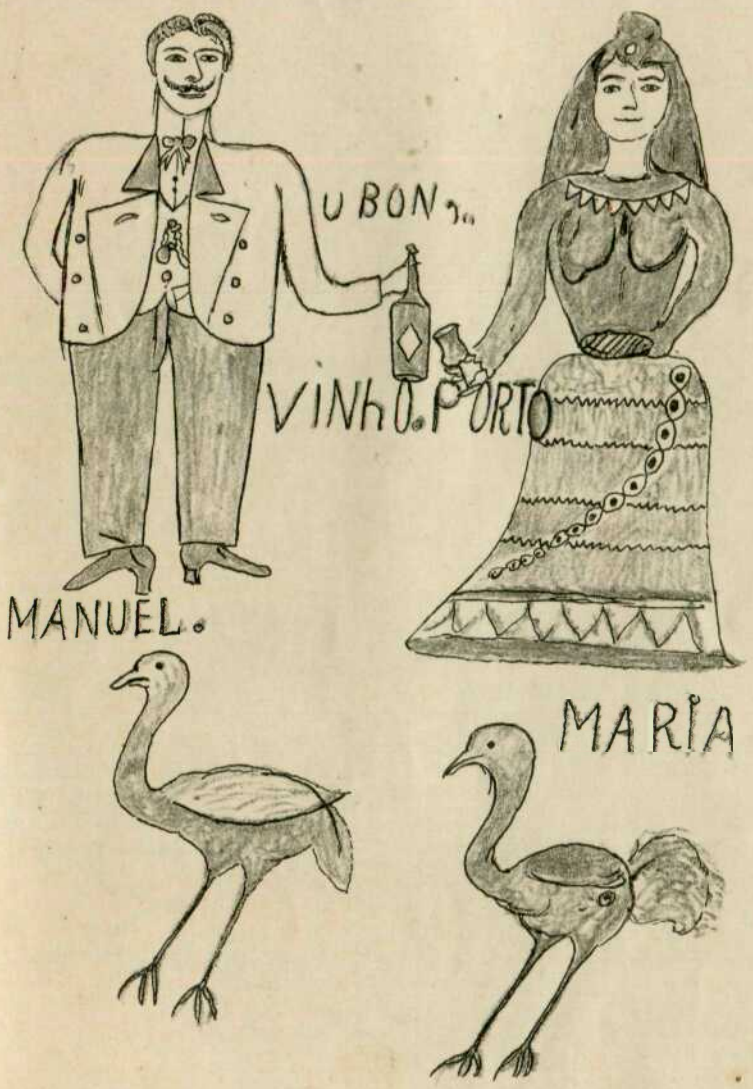
7 — Serra de folha de Flandres dobrada feita de uma aza de regador.

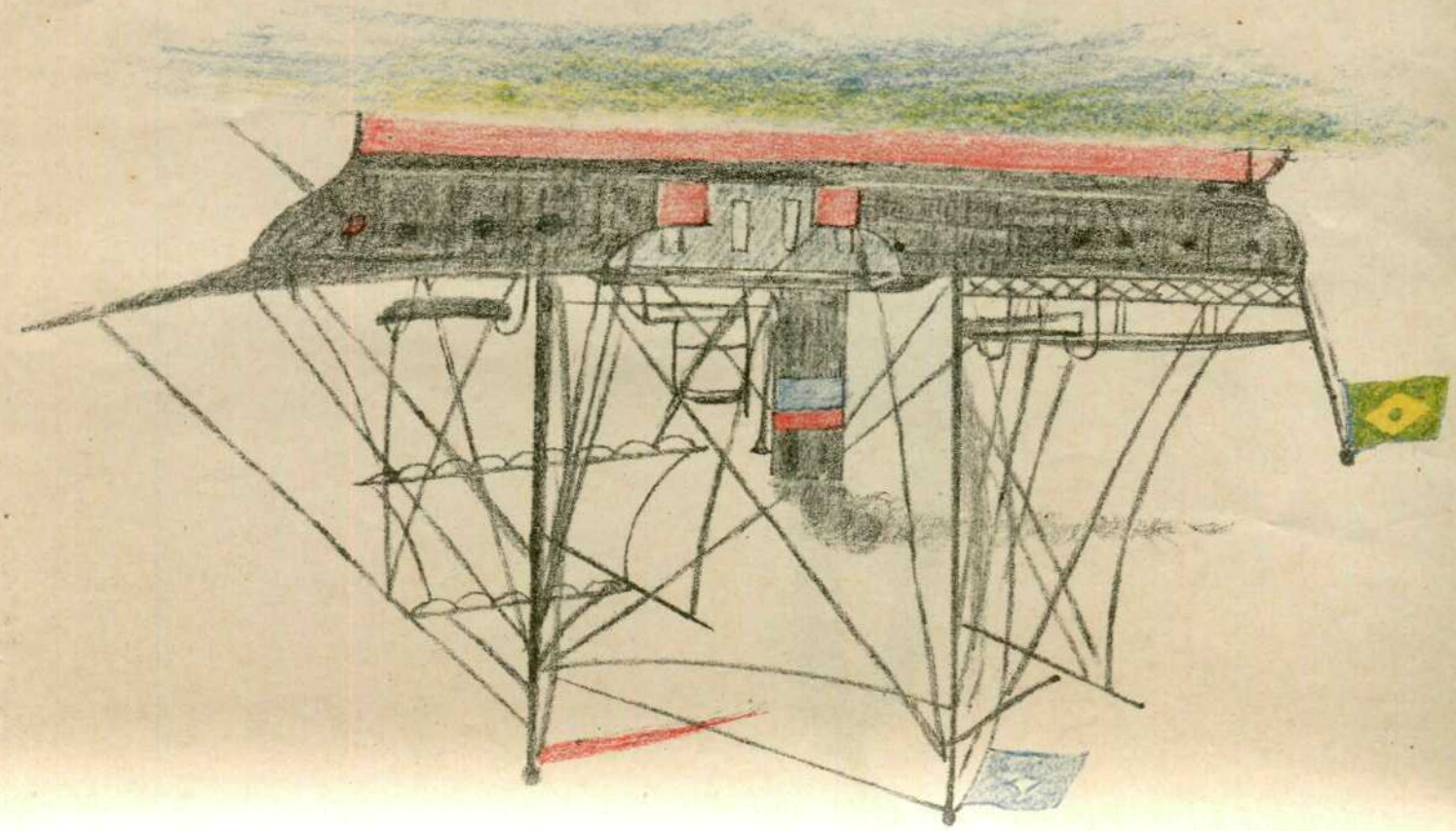
8 — Prego grande recurvado em forma de gancho, com cabo de madeira, enleiado em barbante.

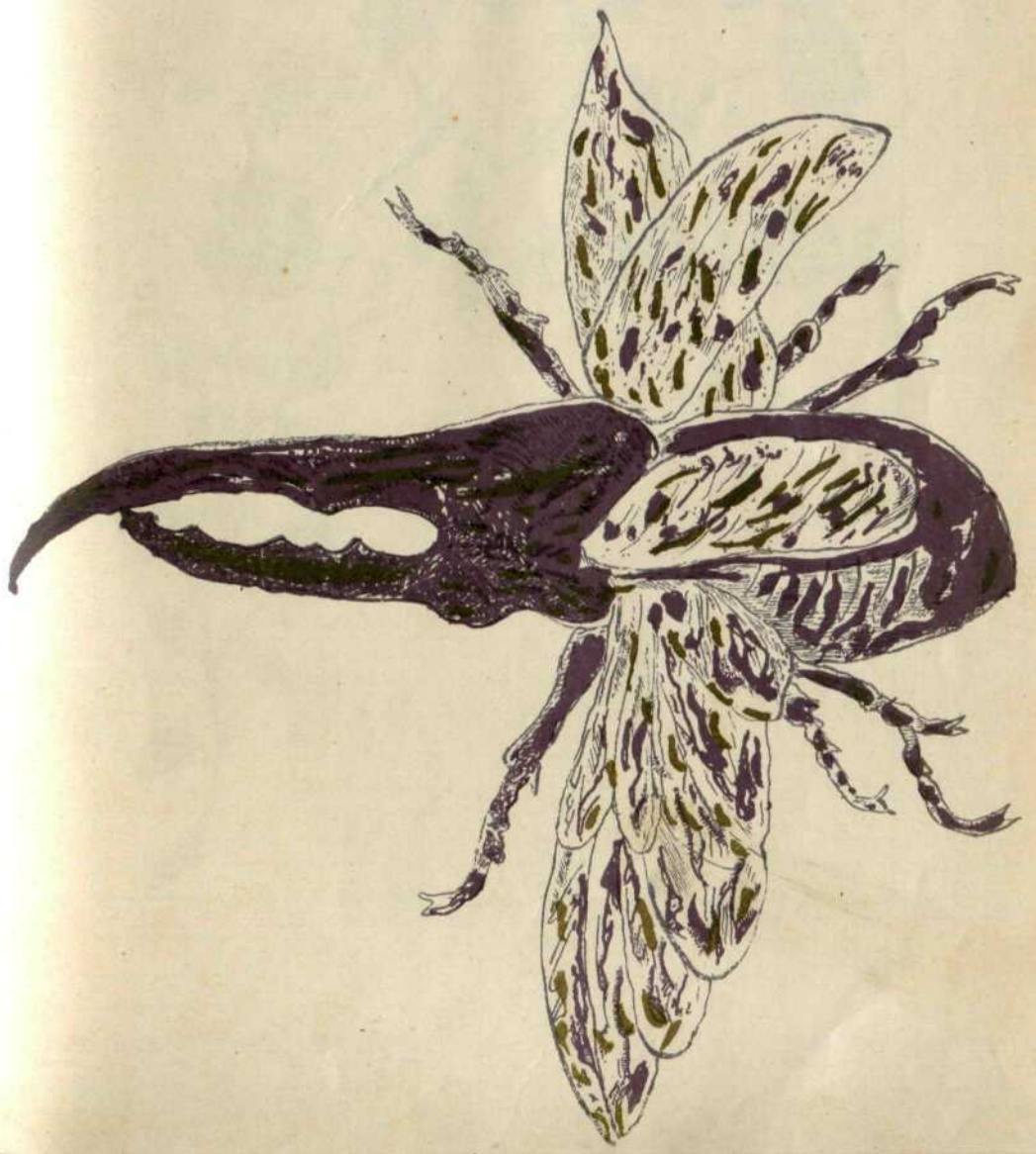
A penna *Soonka*, de aço, dos fabricantes D. Leonardt & Comp., não serve somente para escripta.

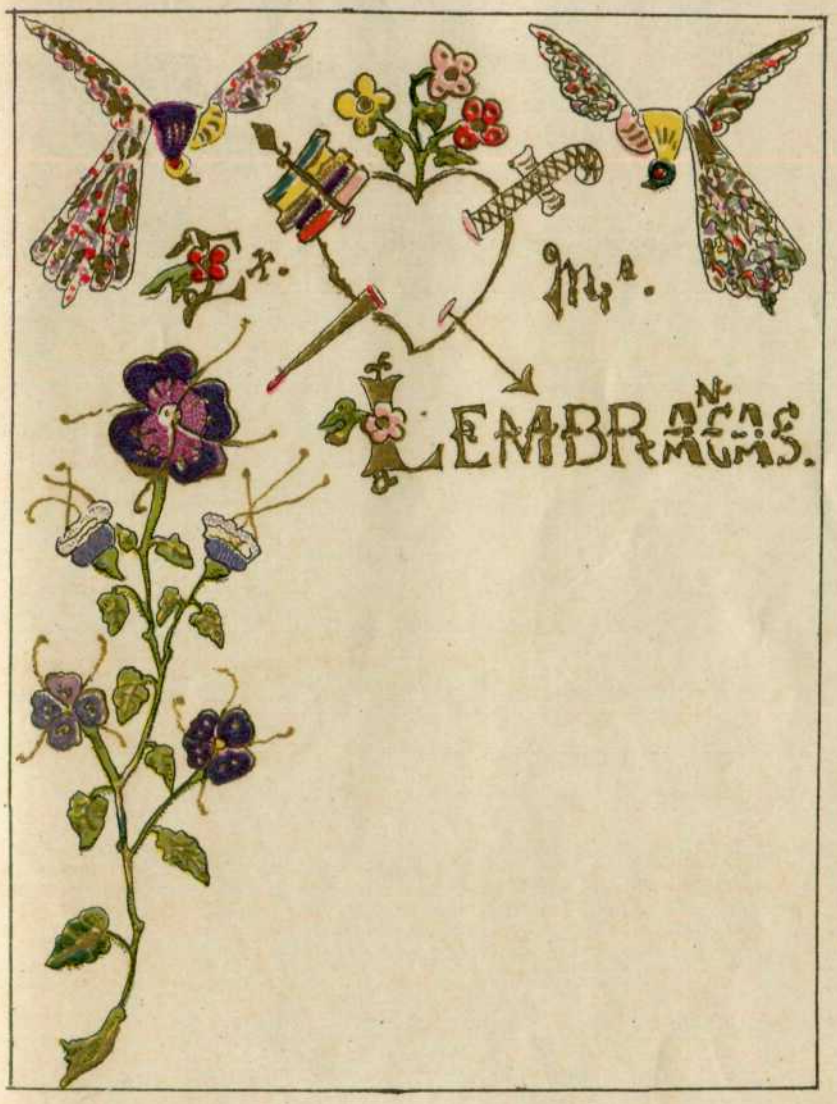
Afiam uma das partes inferiores da penna e, prendendo-a a um cabo tosco de páo, formam uma pequena lamina de navalha com a qual fazem a barba, se bem que com muita morosidade e paciencia.

Estes instrumentos são também utilisados para cortar, furar, raspar madeira, papel, papelão, aparar lapis e palitos etc., pois que alguns dos detentos se dedicam á construcção de pequenos navios de madeira, fabricação de palitos e leques artisticos, trabalhos muito communs entre os chinezes, japonezes e malaios ; e ainda á confecção de flores e objectos de miolo de pão, que são depois pintados, quasi sempre, com cores muito vivas, pequenas e interessantes caixinhas de papelão e de madeira e outros muitos artefactos.

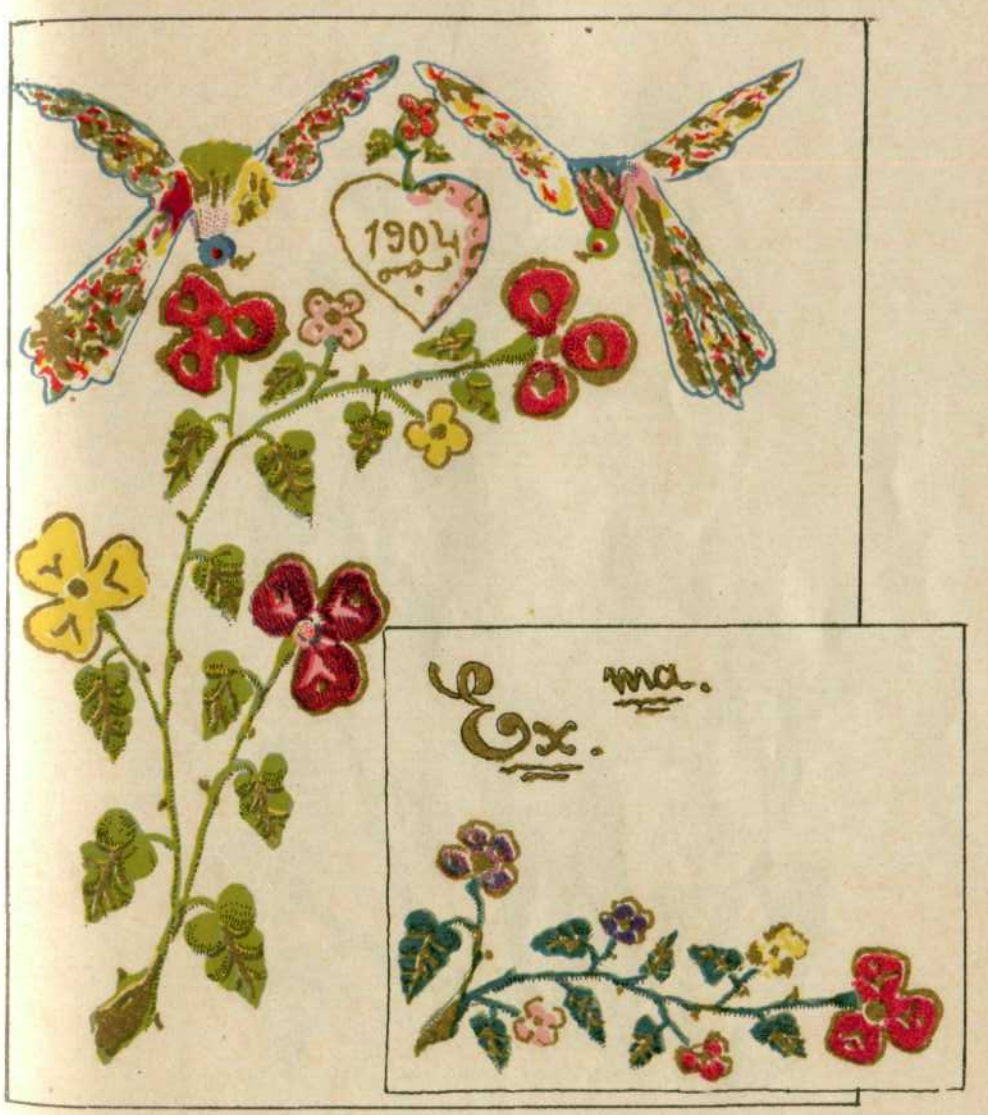

UBON
VINHO PORTO
MANUEL
MARIA



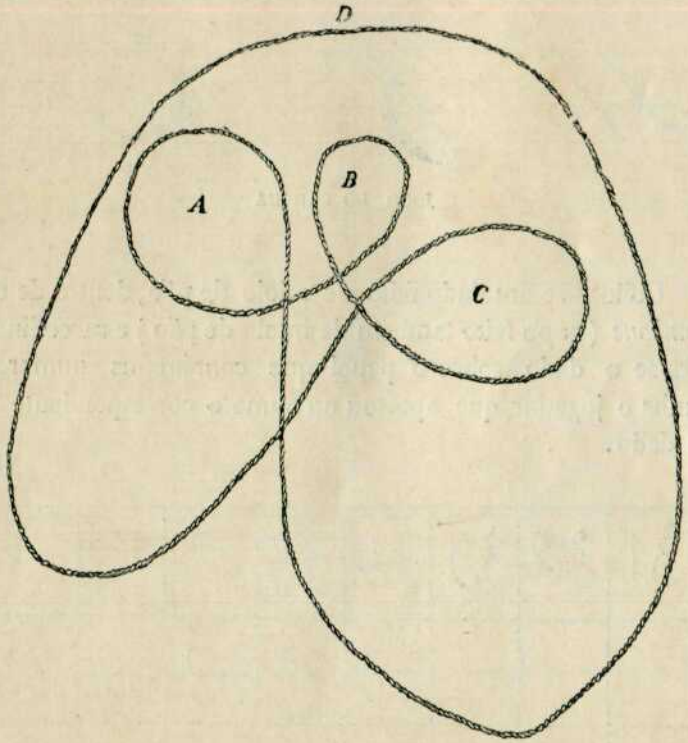



E. M.ª
LEMBRANÇAS.

Mes amis


1904
Ex. ma.

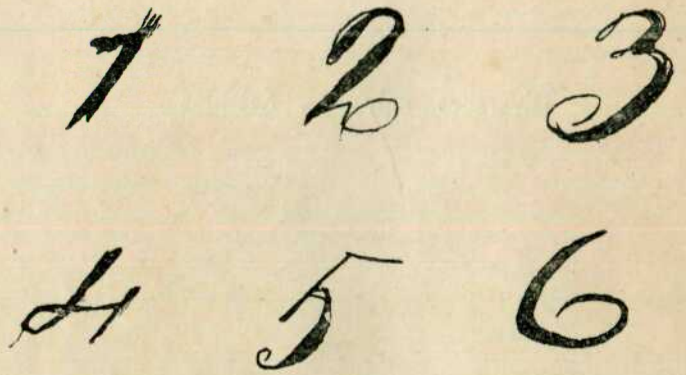
Diversões entre os detentos



JOGO DO ELO FALSO

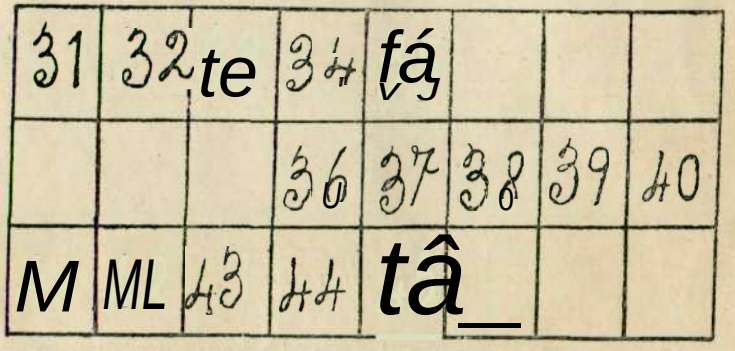
Ligam as duas pontas de um barbante e collocam-no sobre o soalho.

O jogador assenta um dos dedos ou palito de phosphoro nos élos A, B ou C. O banqueiro pucha o barbante pela parte D. Se o élo prende o dedo ou palito, ganha o jogador.



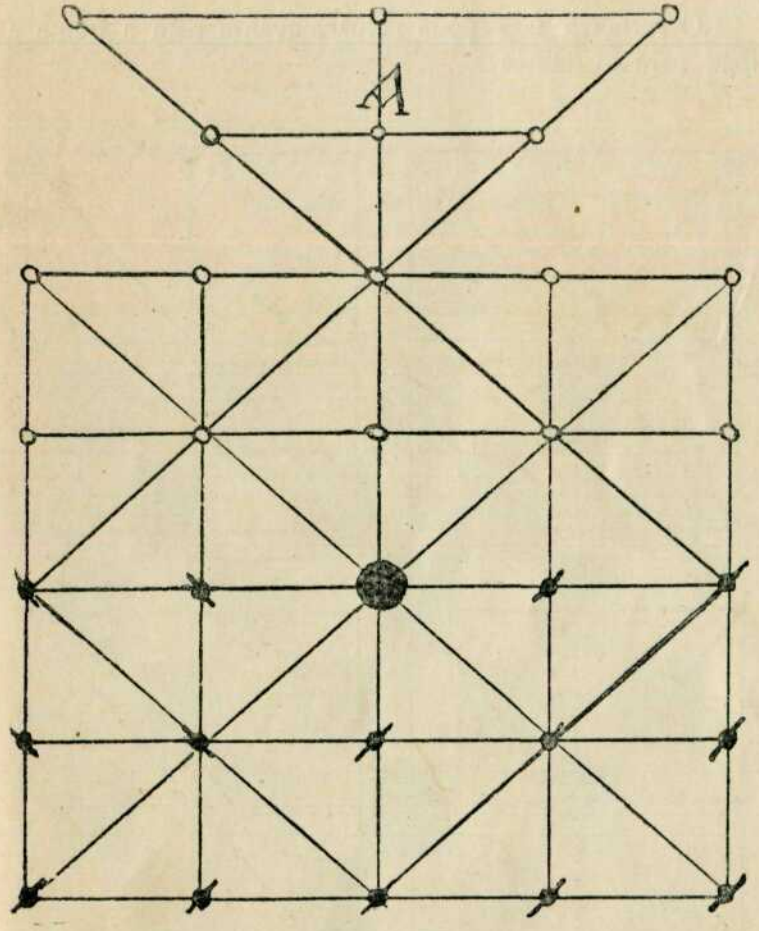
JOGO DO CAIPIRA

Colloca-se um dado feito de miolo de pão, dentro de um *trombone* (copo feito também de miolo de pão) e saccodindo, atira-se o dado sobre o papel que contém os números. Ganha o jogador que apostou no numero correspondente ao do dado.



CARTÃO DO JOGO DO VISPORA

Papel pautado riscado a lápis preto e algarismos também a lapis.

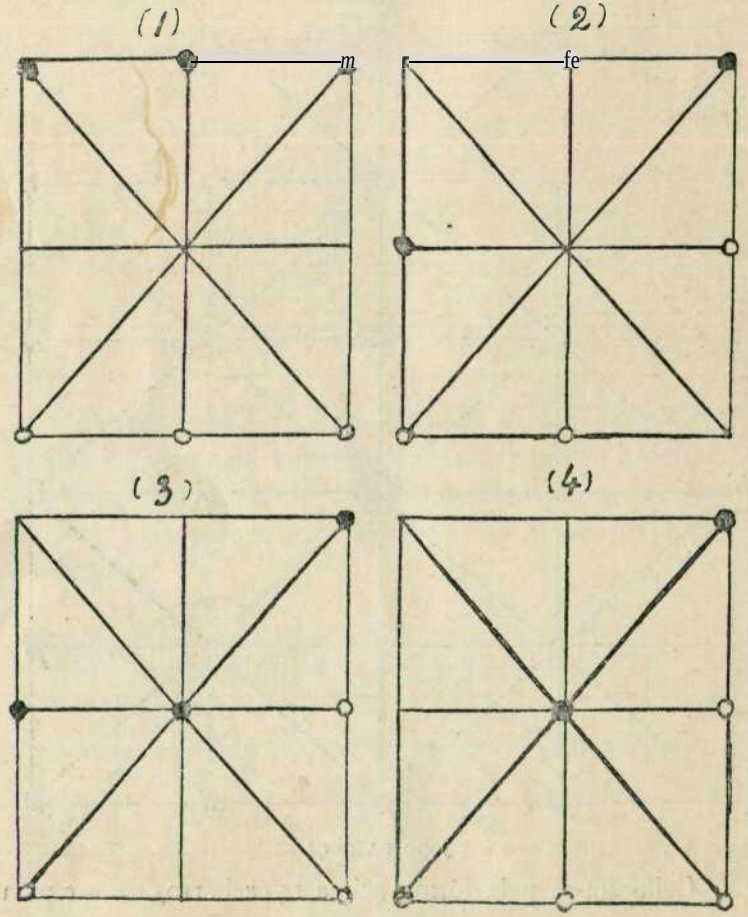


JOGO DA ONÇA

Collocam-se pela forma acima 14 cachorros e uma onça .

O engenho do jogador consiste em obrigar a onça a entrar na furna A, cercada pelos cachorros, ganhando assim o jogo. A onca mata os cachorros pulando-lhes á frente, para traz e para os lados, desde que encontre um ponto abandonado. Se conseguir matar todos os cachorros, é obvio que a victoria caberá á onca.

O cachorro não póde recuar, avança para a frente e foge para os flancos.

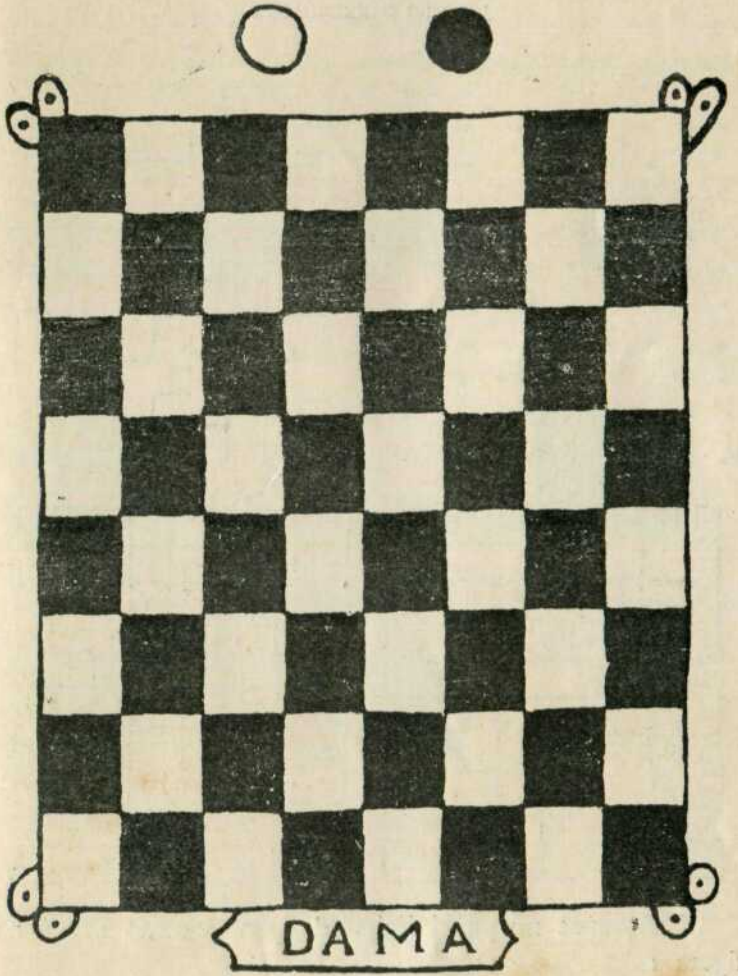


JOGO DO SALOMÃO OU PÉ DE GALLINHA

Consiste este jógo em riscar no soalho ou em um pedaço de papel grosso o quadro indicado sob o n. 1. Os jogadores são dois, collocando um delles na parte superior tres grãos de feijão ou tres bolinhas de papel, tintos de preto e o outro tres grãos de milho ou também bolinhas de papel branco.

Os dois jogadores empurram as bolinhas, procurando enfileiral-as nos traços horizontaes, perpendicular ou transversal, como se observa nos quadros 2 e 3. O quadro 4 mostra o jogo ganho pelas bolinhas pretas.

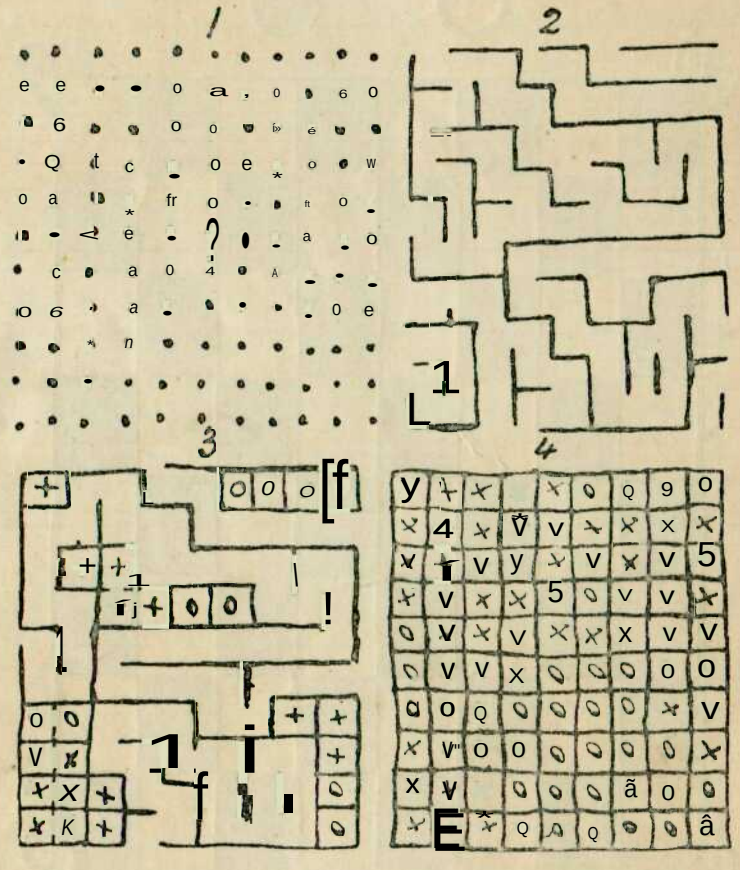
PEDRAS DO JOGO DE DAMAS



Os detentos preparam este jogo em papel almaço, servindo-se de anilina. As pedras sao feitas em papel grosso, umas pintadas de azul e outras forradas de papel branco. O autor do que aqui está representado é um detento reincidente no crime de furto.

Mais complicado é o

JOGO DO COMMENDADOR



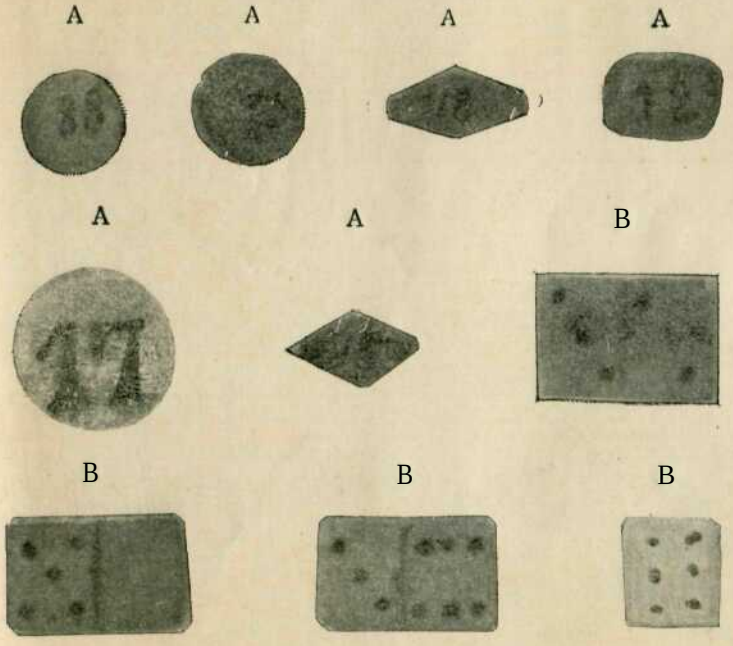
Lançam-se no papel linhas de pontos como se vê na figura 1,

Dois são os jogadores, designados pelos signaes + e O.

O empenho dos dois é fazer o maior numero de quadrados. Para isso, munido de lápis, traça um delles de um ponto a outro um risco.

O outro jogador faz o mesmo, procurando ambos dificultar um ao outro a formação dos quadrados — figuras 2 e 3.

A figura 4 mostra o resultado de um jogo em que foi vencedor +, que fez 52 quadrados, ao passo que O fez 33.



A — Pedras para jogo de vispora, feitas de pão endurecido, que tomam a côr de cera acinzentada. Os algarismos e pontos são de tinta de escrever.

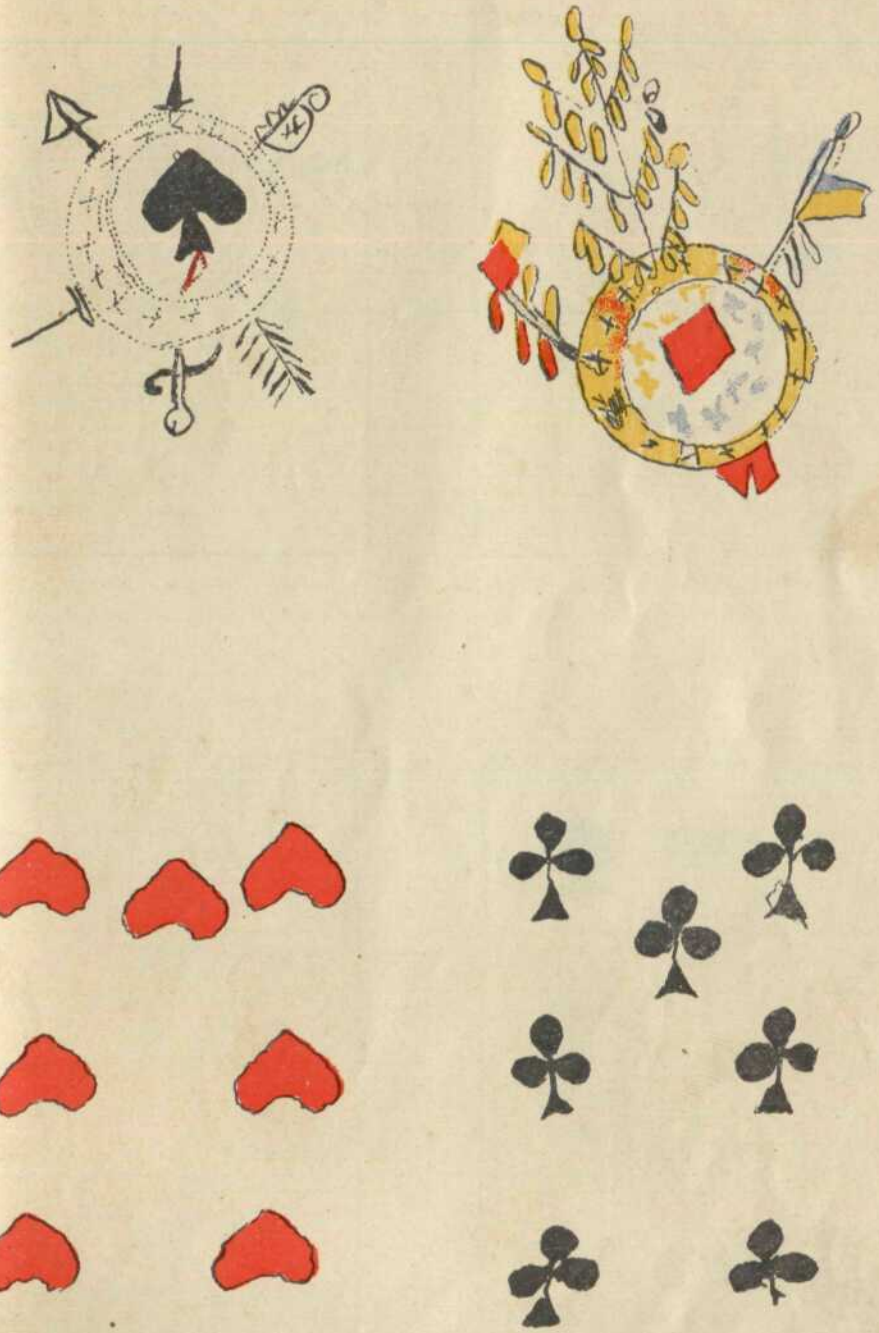
B — Dominós feitos de miolo de pão. São igualmente feitos de miolo de pão os tentos, que regulam o tamanho da pedra n. 88.

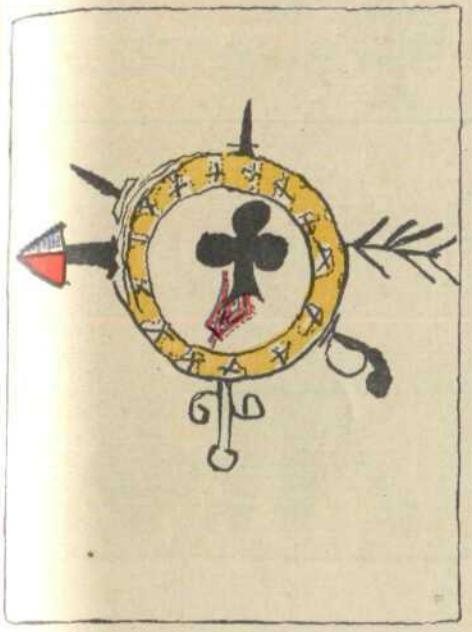
Fazem-se também dominós do pinho das caixas de phosphoros.

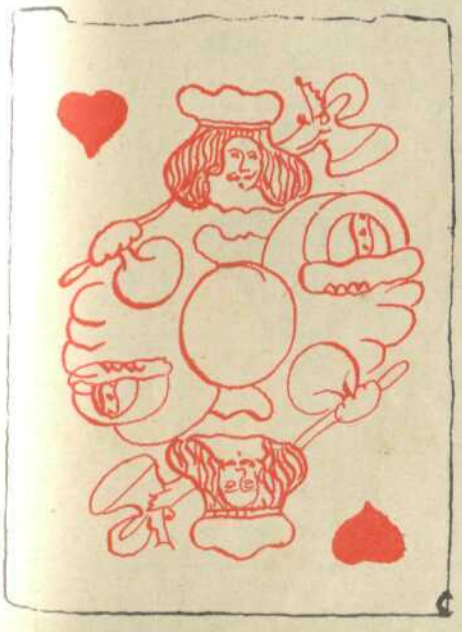
Vasta e curiosa é a collecção de cartas de jogar, cujo fabrico, convém notar, depende de tempo e de grande paciência.

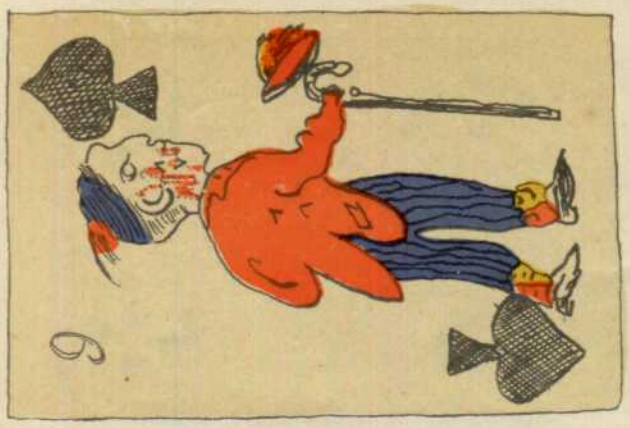
Parece que esta industria desfructa as preferencias de mais de um pensionista da Casa de Detenção, pois que as amostras que damos aqui são trabalho de 10 dos detentos.

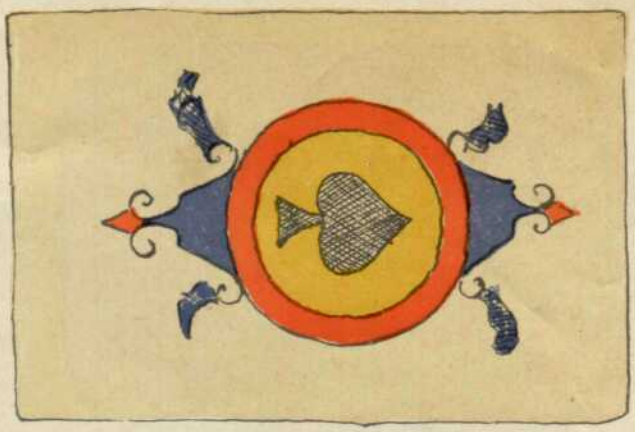
Sobre o assoalho, deitados de barriga para baixo, em papel branco pautado desenham a lápis preto e depois cobrem a tinta, com pincel ou penna de escrever, o esboço que marca a phase inicial do seu engenhoso trabalho, como aqui se observa.

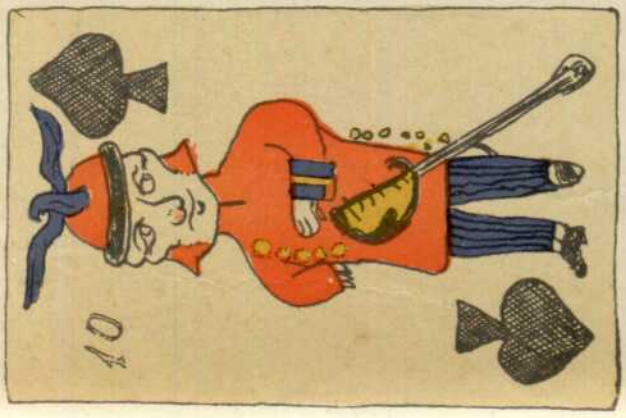


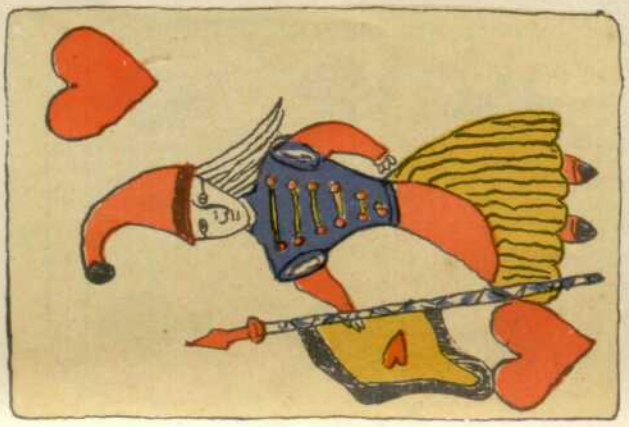


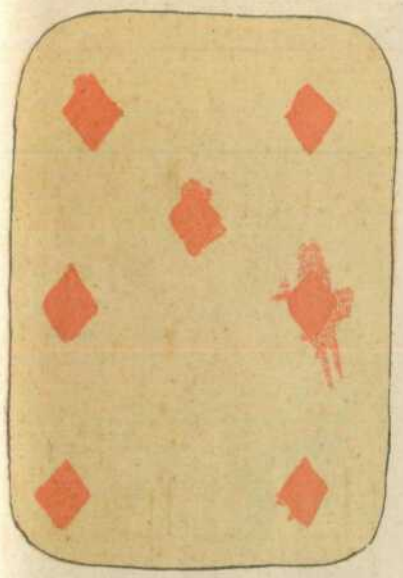


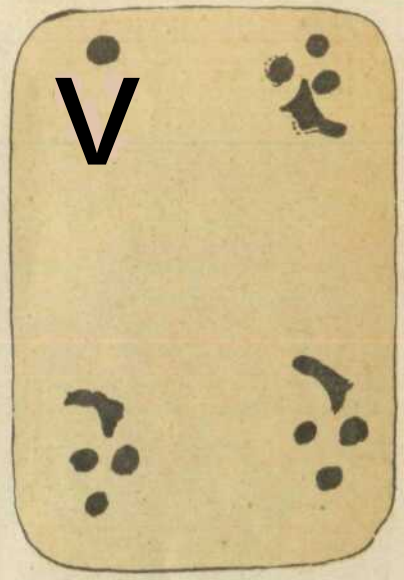

9

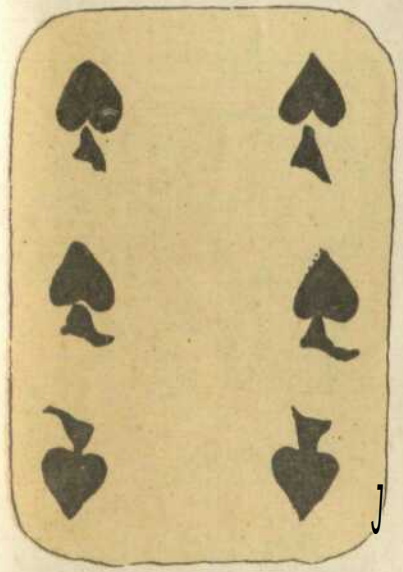


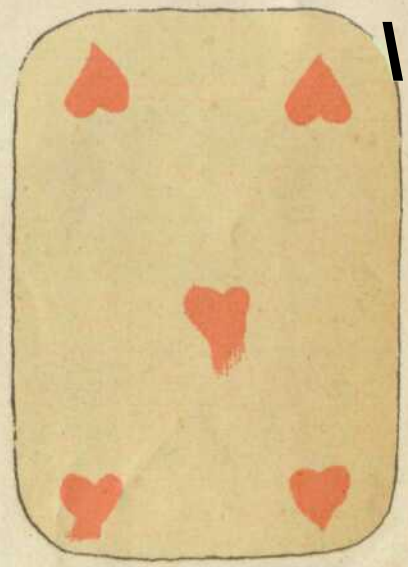

10

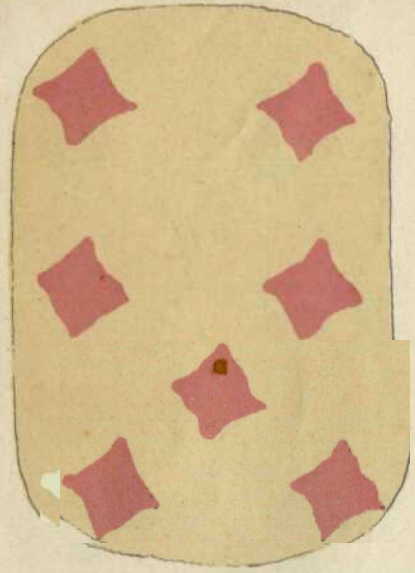


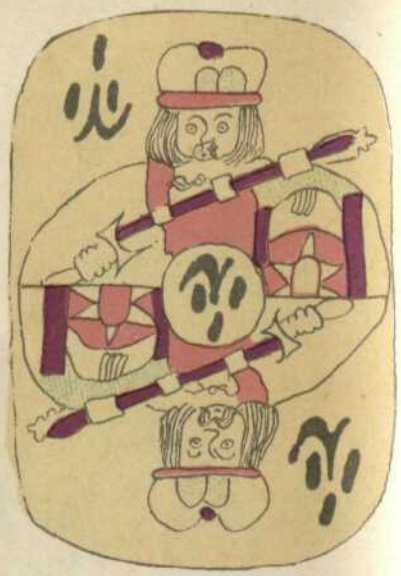


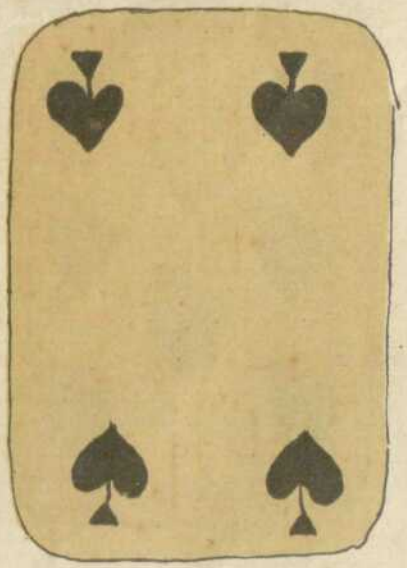

V

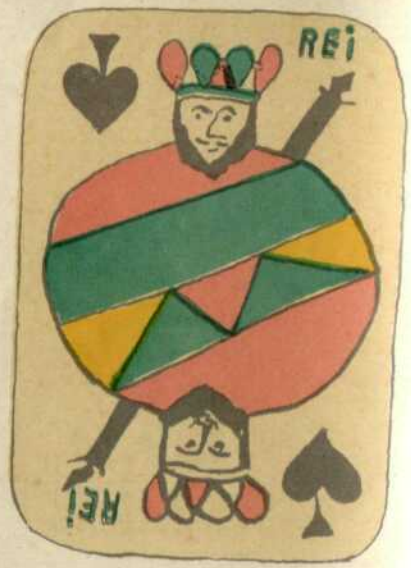


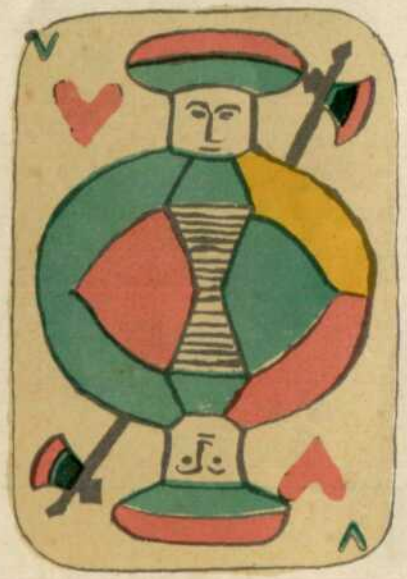








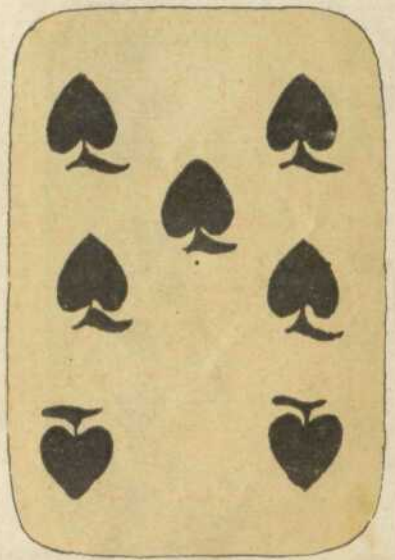

REI
REI

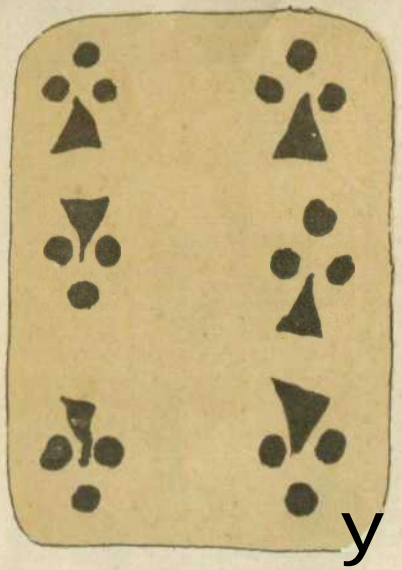


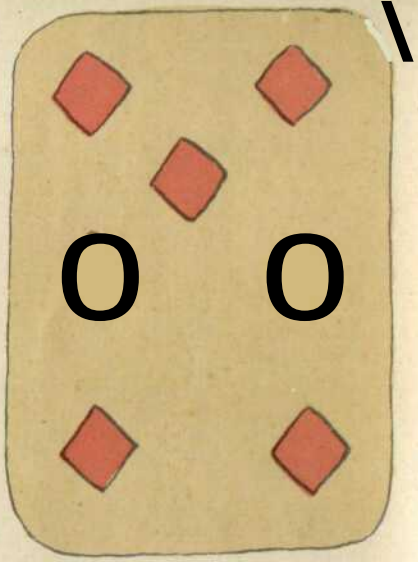
D
D

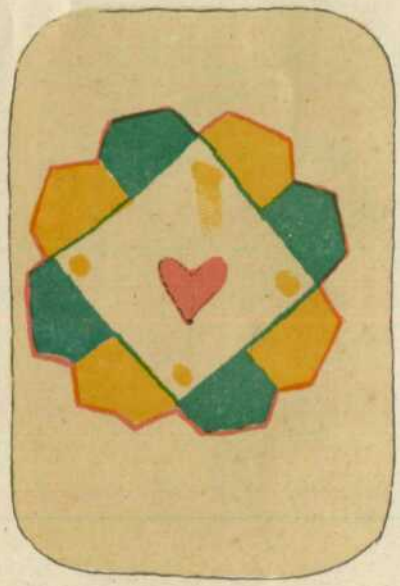
A
A

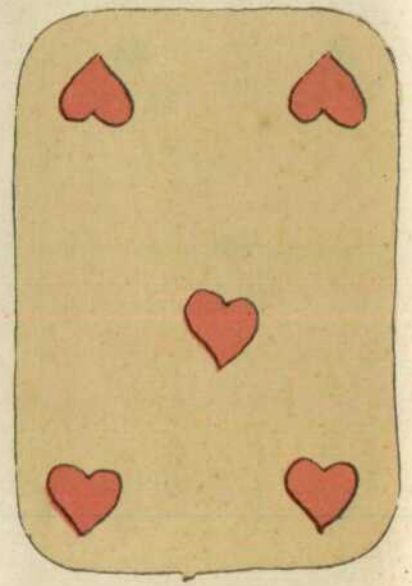
R
R

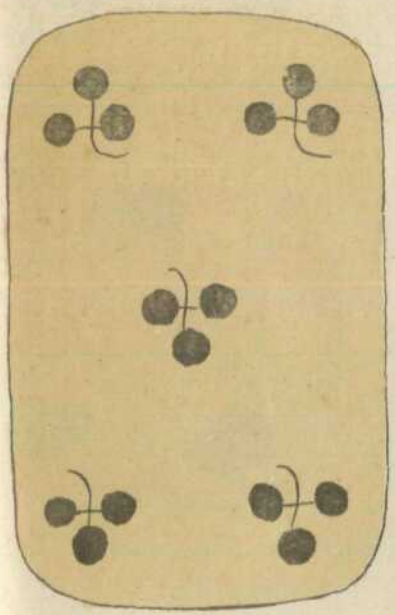


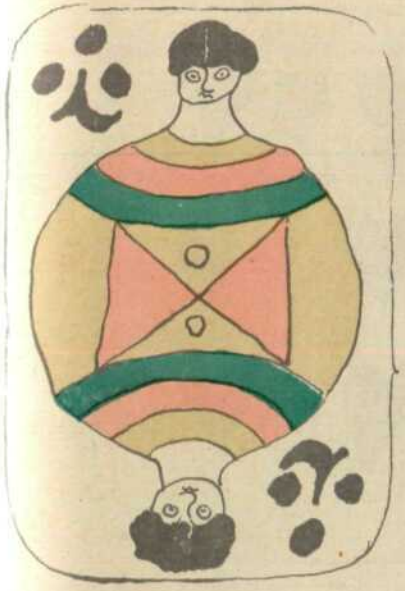


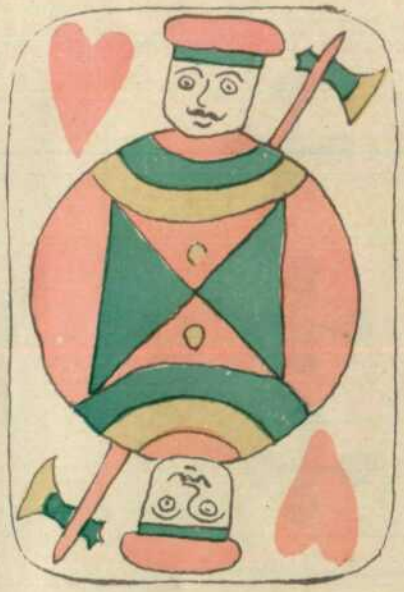


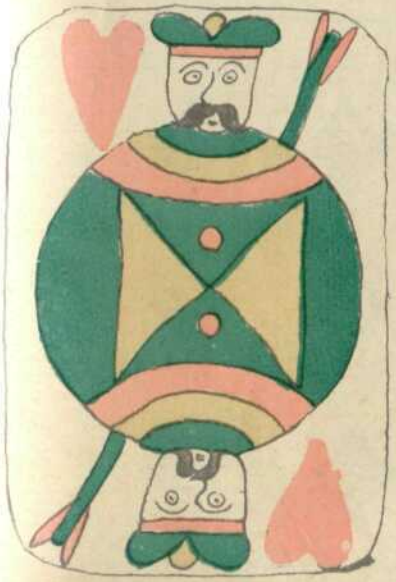




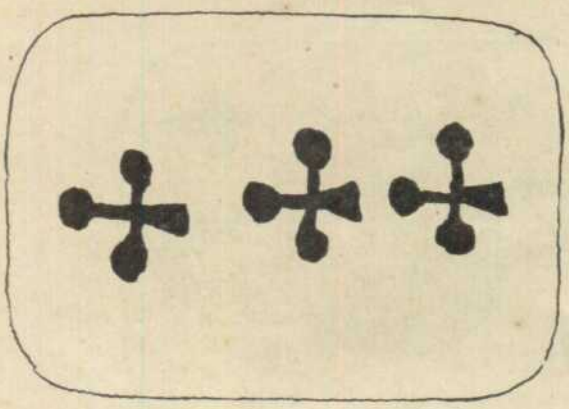


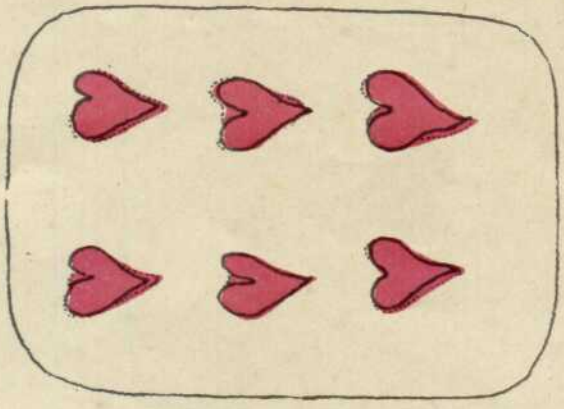


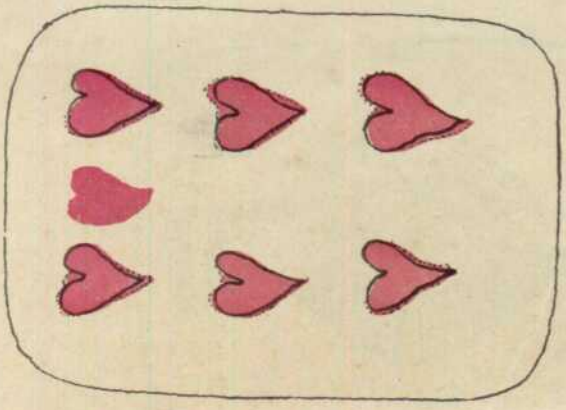


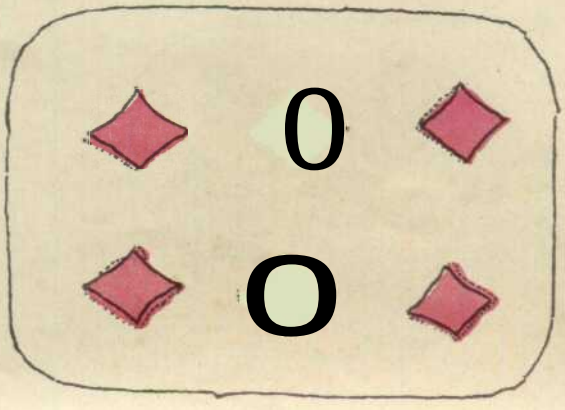


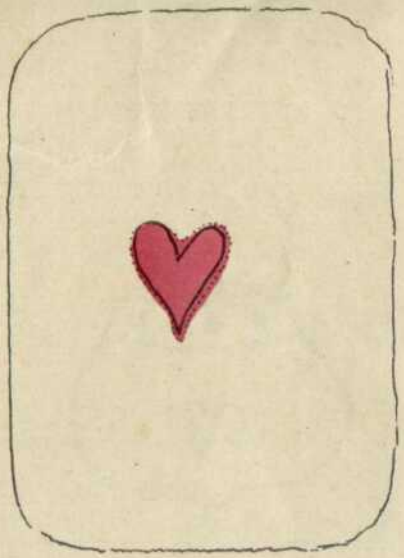
ê

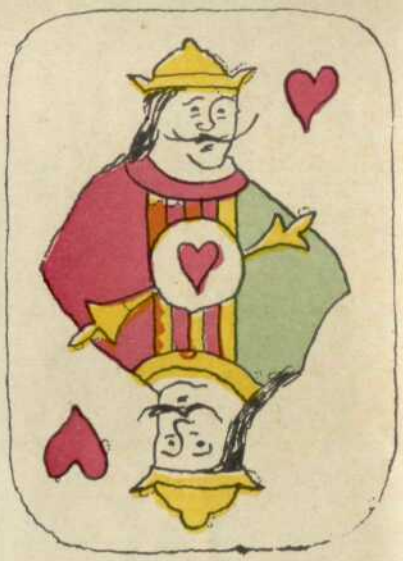


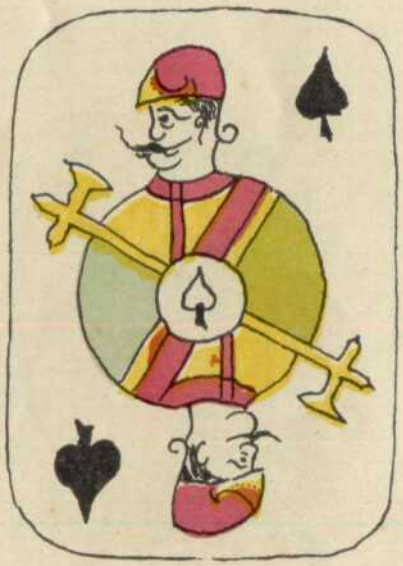


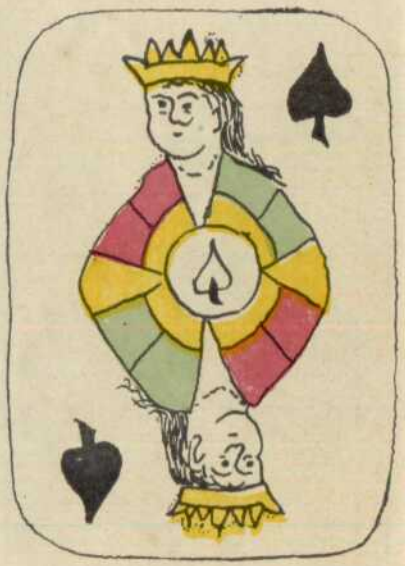


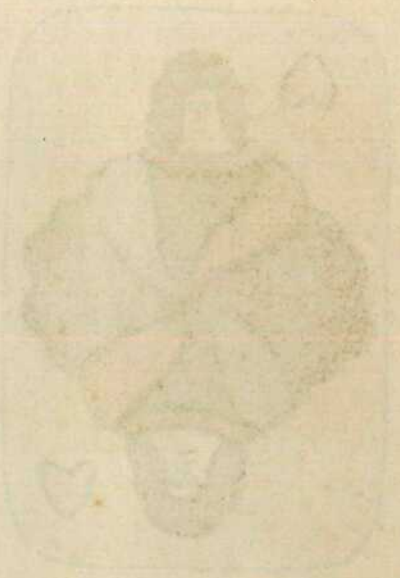


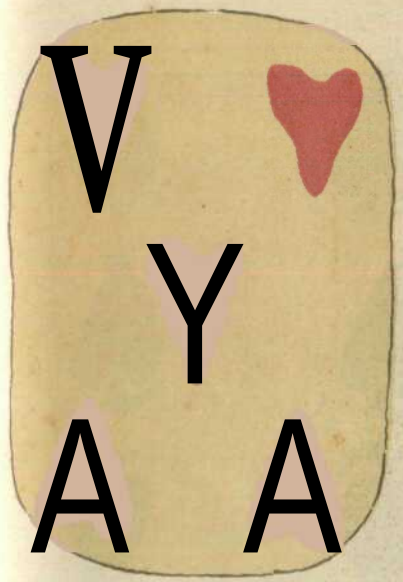


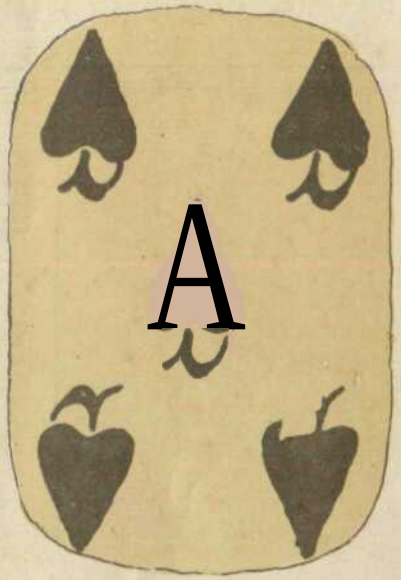


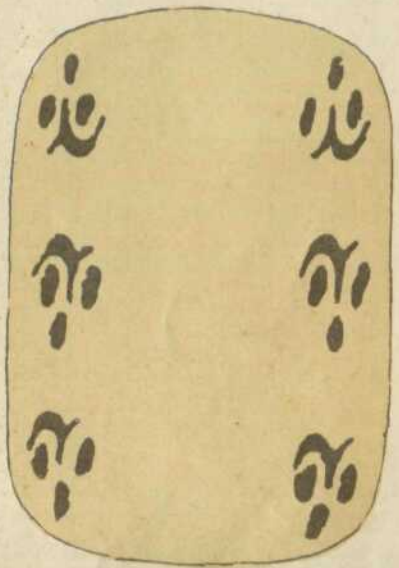


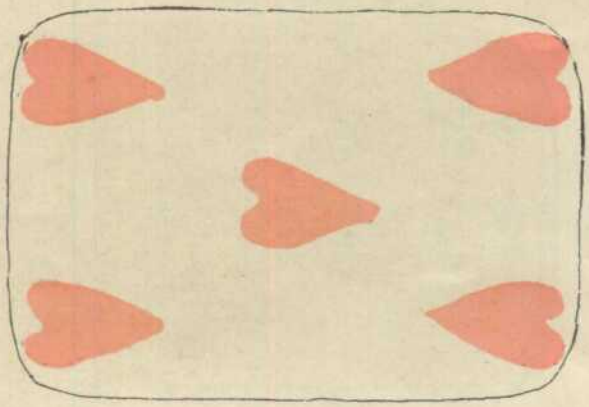


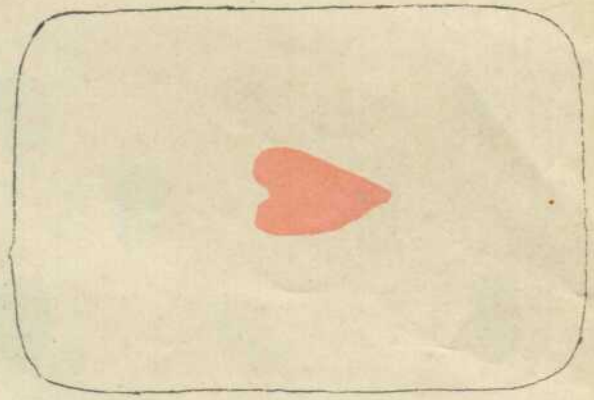


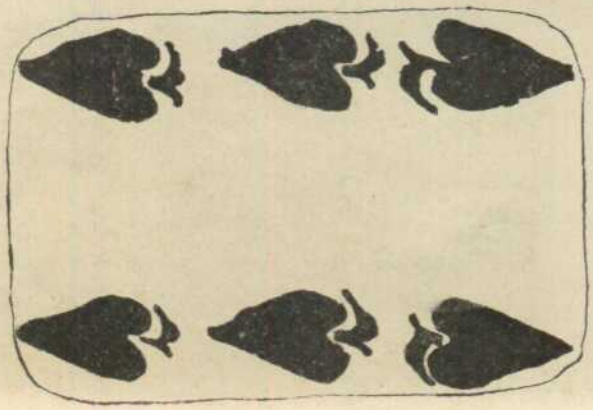

V
Y
A A

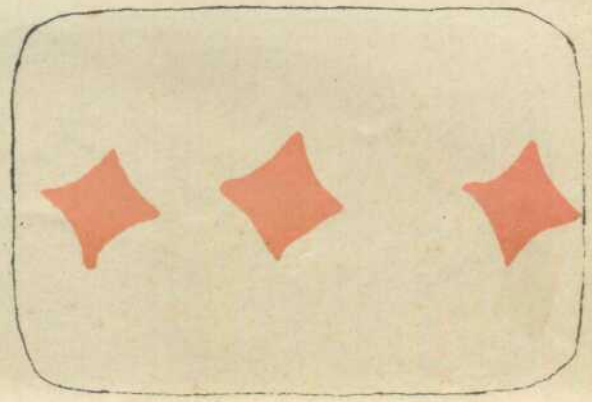

A

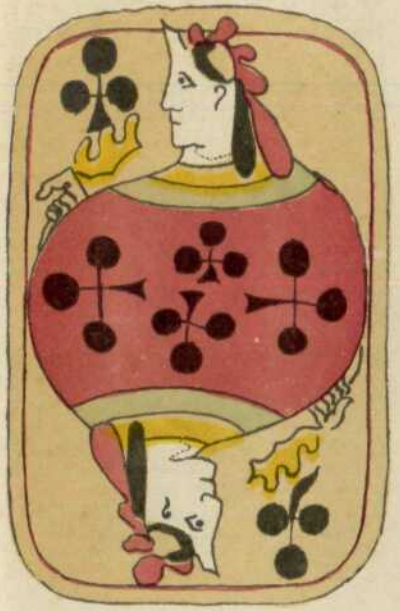


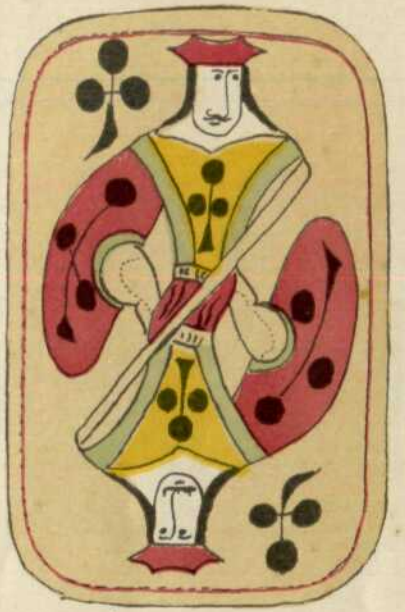


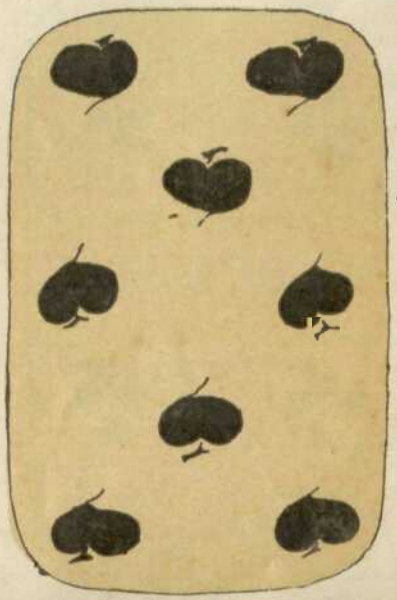


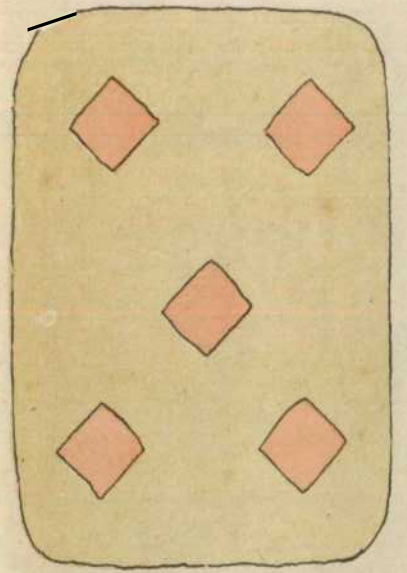


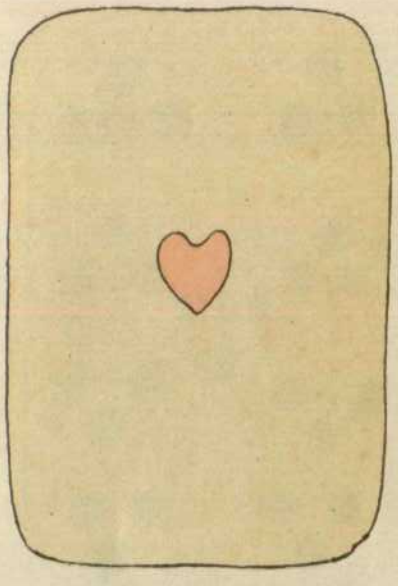


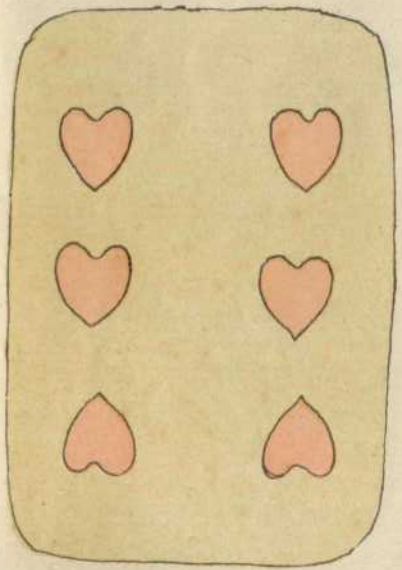


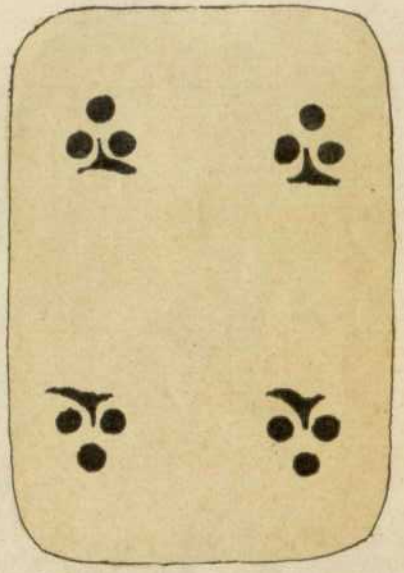


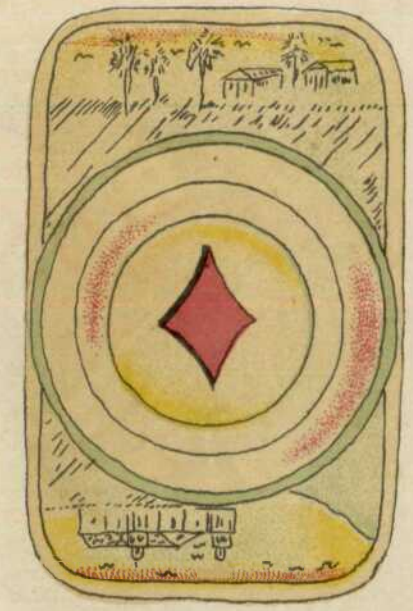


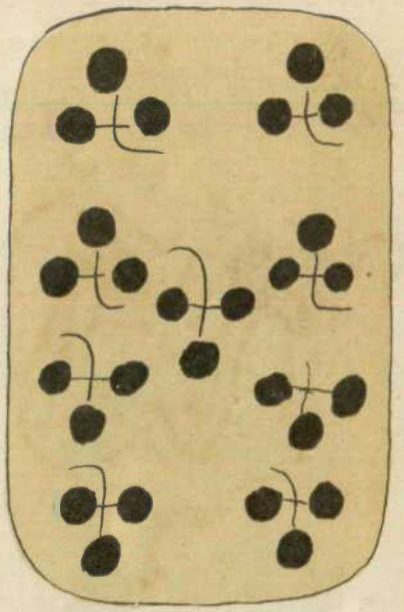


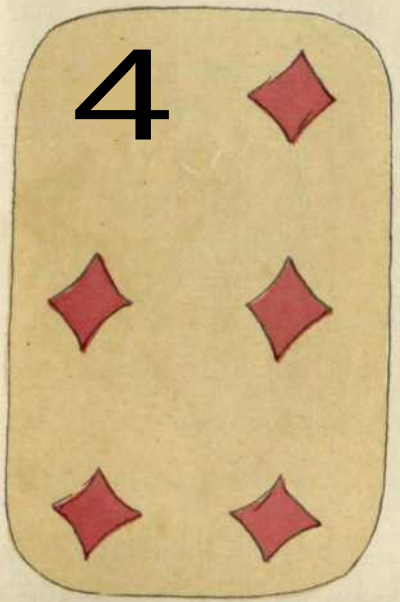


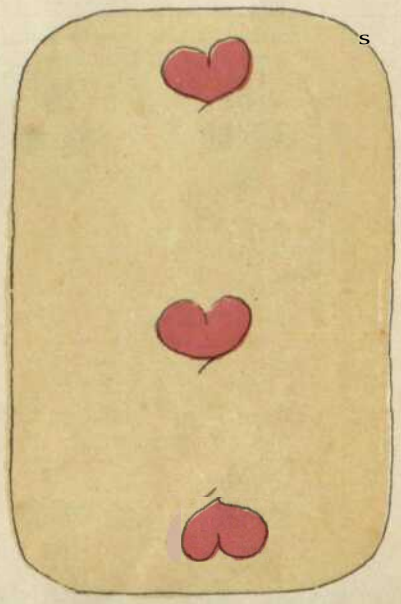


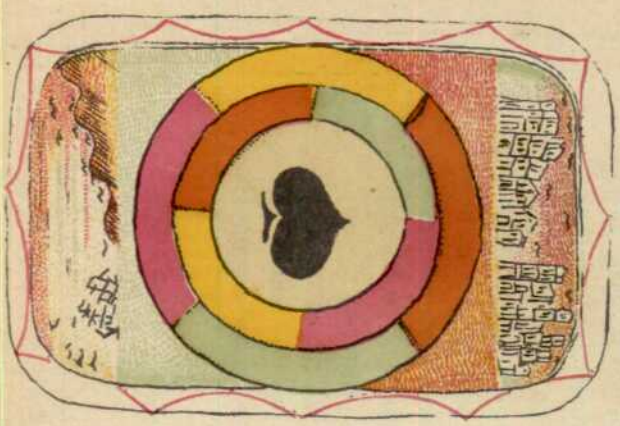


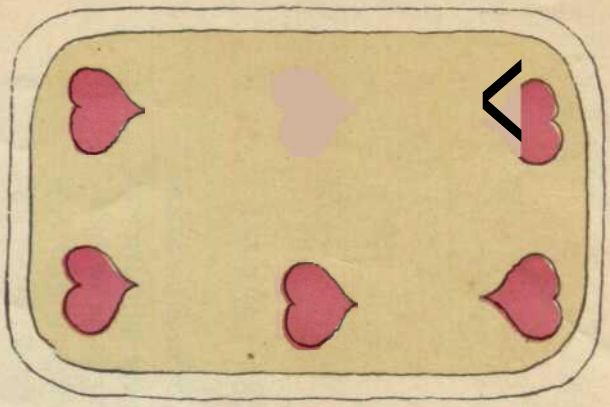


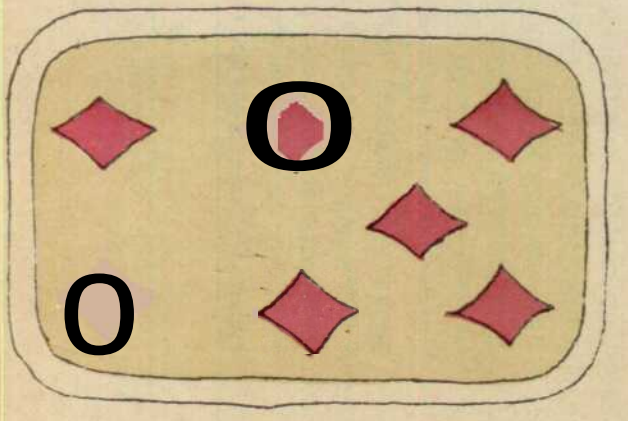


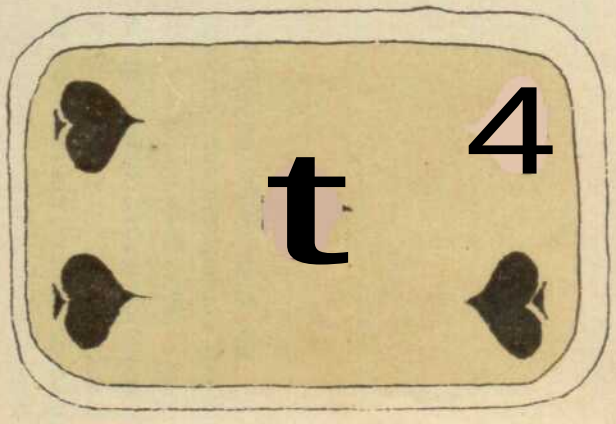

4









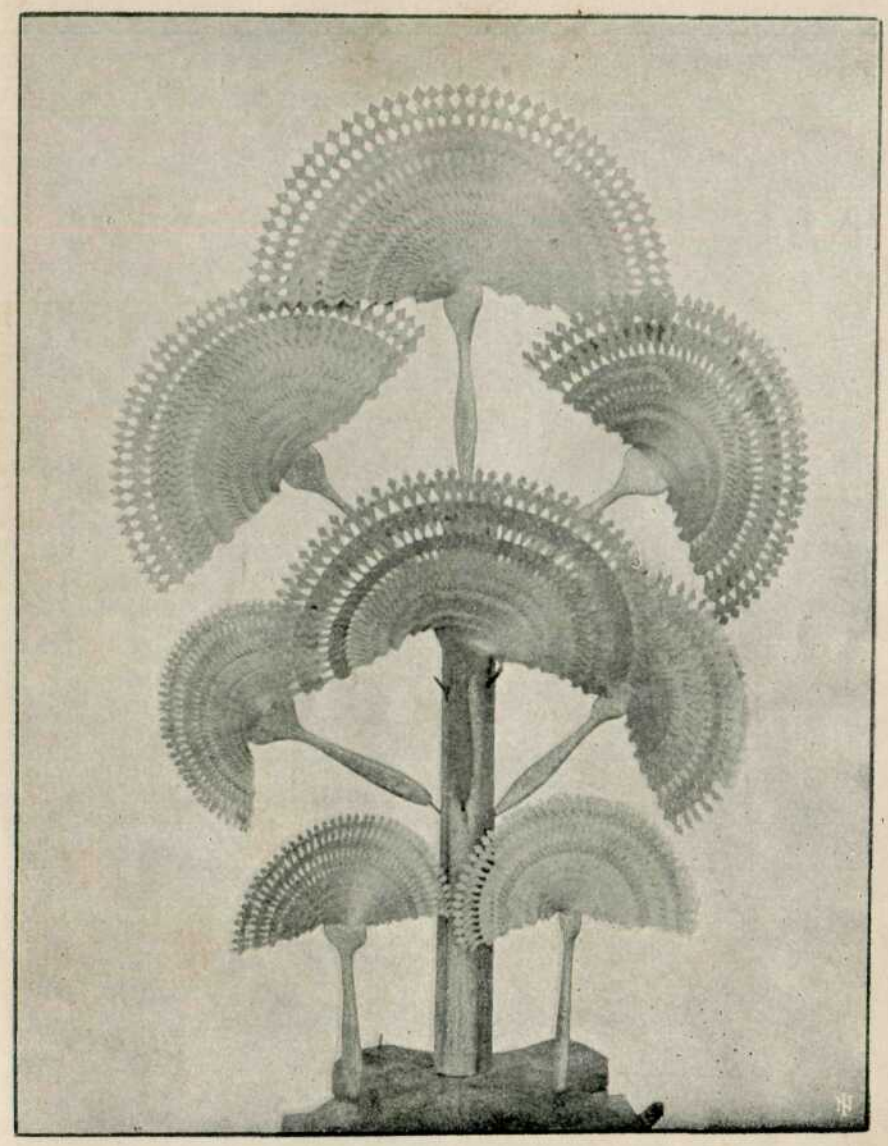


Depois de desenhadas por completo as cartas, collam-na em pedaços de papel pardo sobrepostos uns aos outros, até ficar o todo bastante consistente. Com um dos ferros anteriormente apresentados, recortam e preparam a carta.

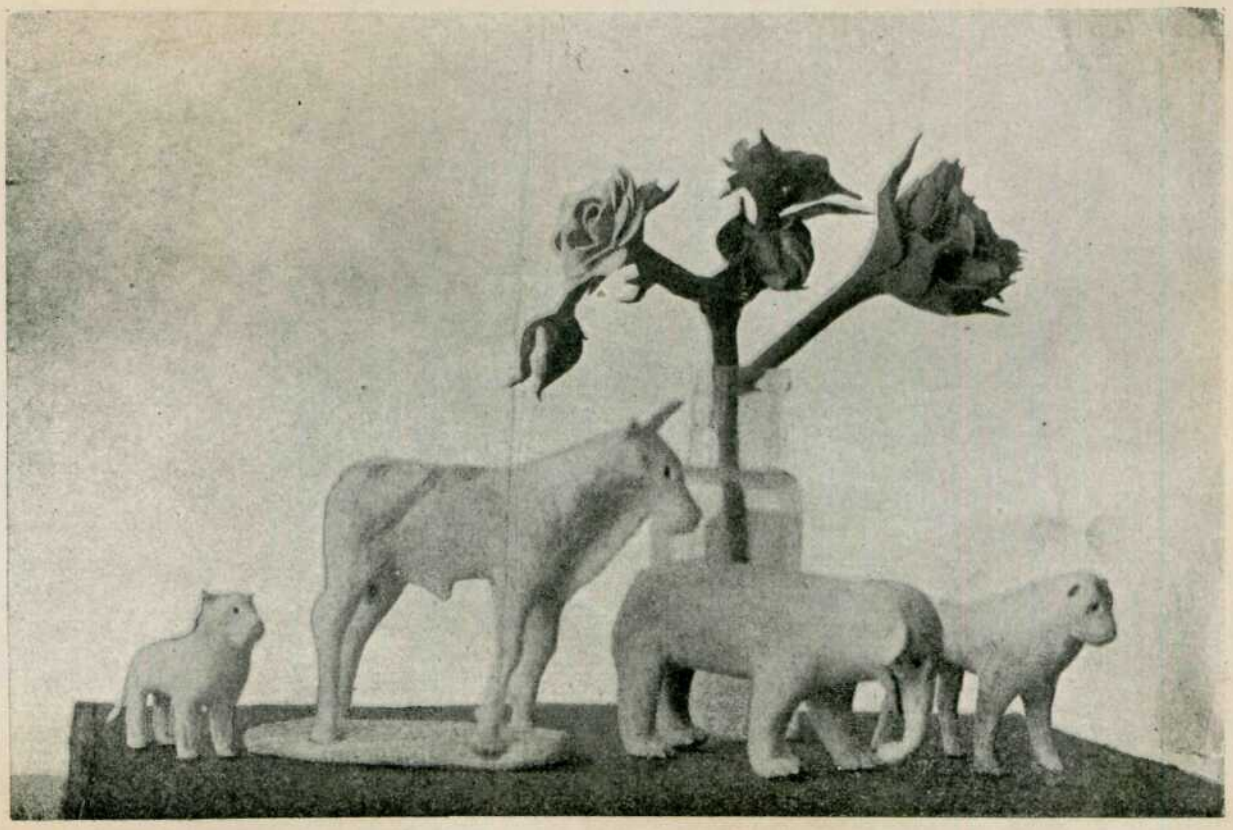
Muitos, dos detentos, emquanto aguardam a solução dos processos, e outros já condemnados que esperam transferencia para Casa de Correcção, onde cumprem a respectiva pena, procuram ter na reclusão um comportamento exemplar, de maneira a obter da administração do estabelecimento a designação para trabalhar fóra dos cubiculos, como carpinteiros, marceneiros, fabricantes de ladrilhos, cozinheiros, ajudantes de cozinha, varredores, lavadores de roupa, etc.

Nos intervallos desses serviços e mesmo no próprio cubiculo confeccionam os presos, como já dissemos, pequenas caixinhas de madeira e de papelão, muitas das quaes artisticamente feitas, commodas com gavetas e espelhos, curiosos trabalhos em osso e madeira, como canetas com interessantes lavores, palitos, ponteiros e espartulas, pequenos navios de guerra á vela e a vapor, construidos com todas as regras e minudencias da construcção naval, trabalhos de ceramica; outros dedicam-se á pintura a tinta e a oleo, executando trabalhos verdadeiramente curiosos.

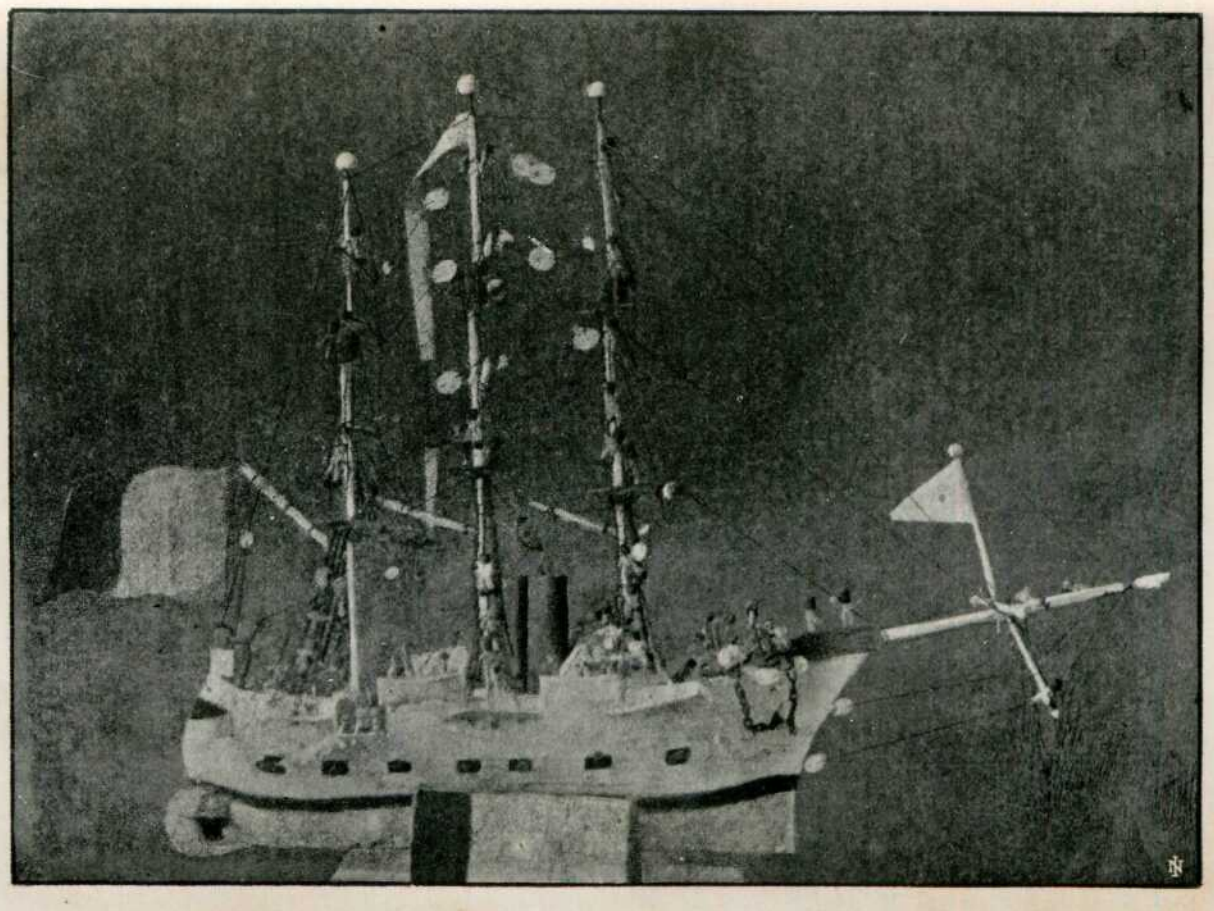
Eis aqui alguns trabalhos executados pelos detentos:



TRABALHOS EM MADEIRA

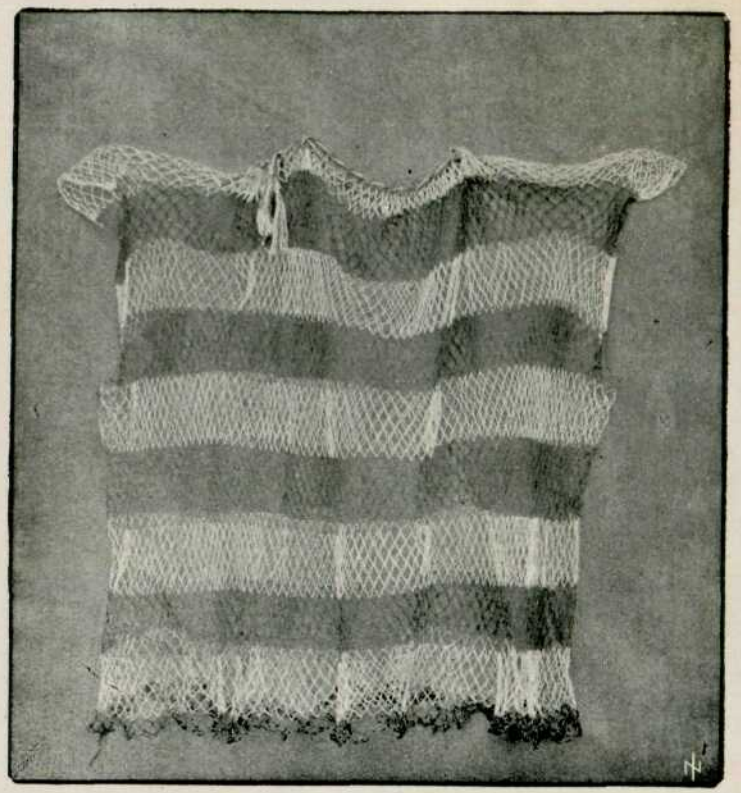


FLORES E ANIMAES FEITOS DE MIOLO DE PAO

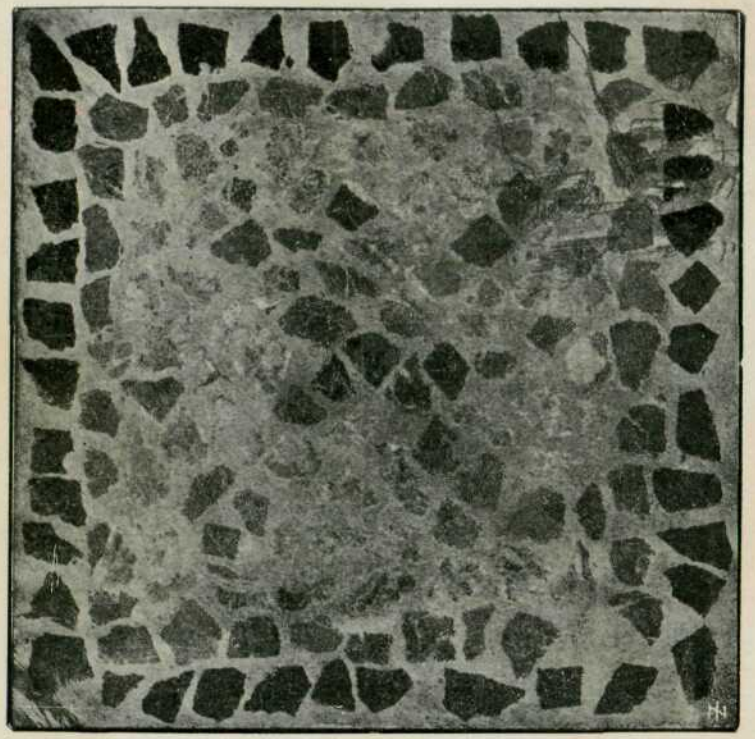


TRABALHOS EXECUTADOS EM MADEIRA E PAPELÃO

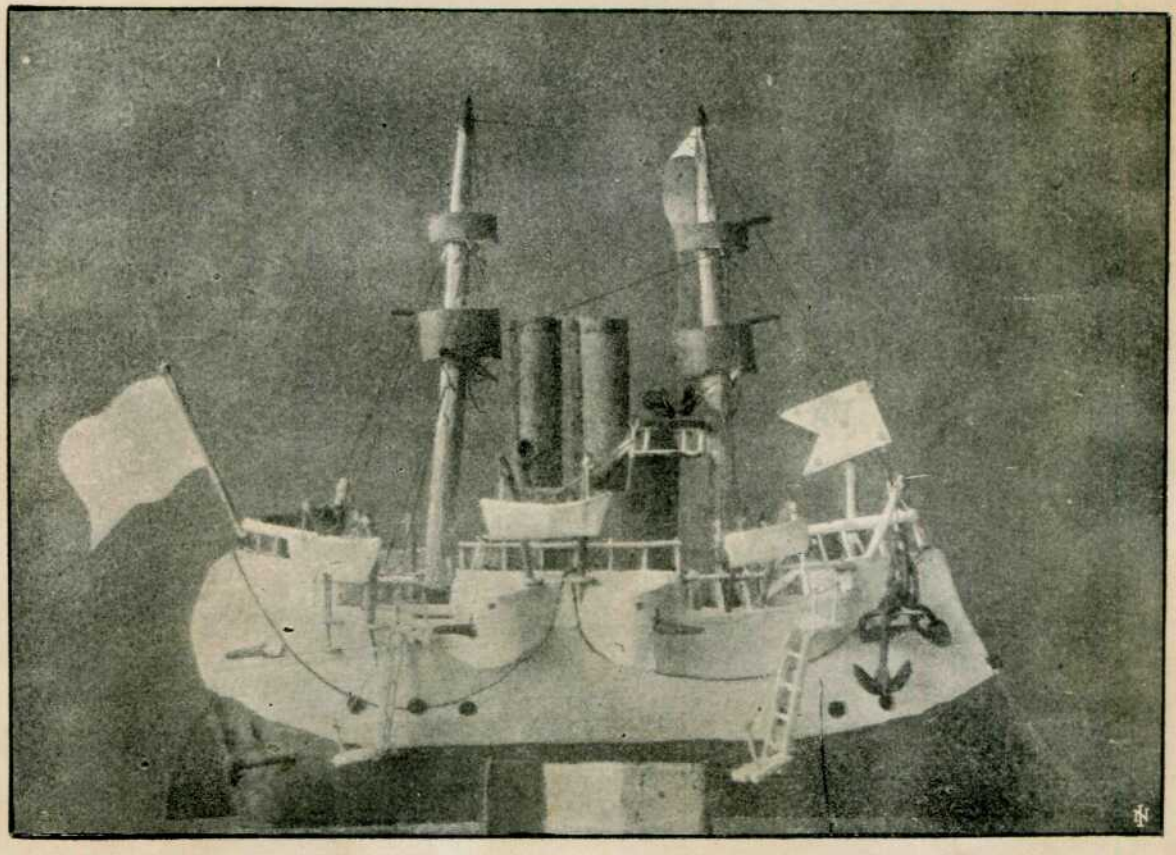
Os bonecos que representam os marinheiros são feitos de miolo de pão



CAMISA DE MALHA FEITA DE BARBANTE DE CORES



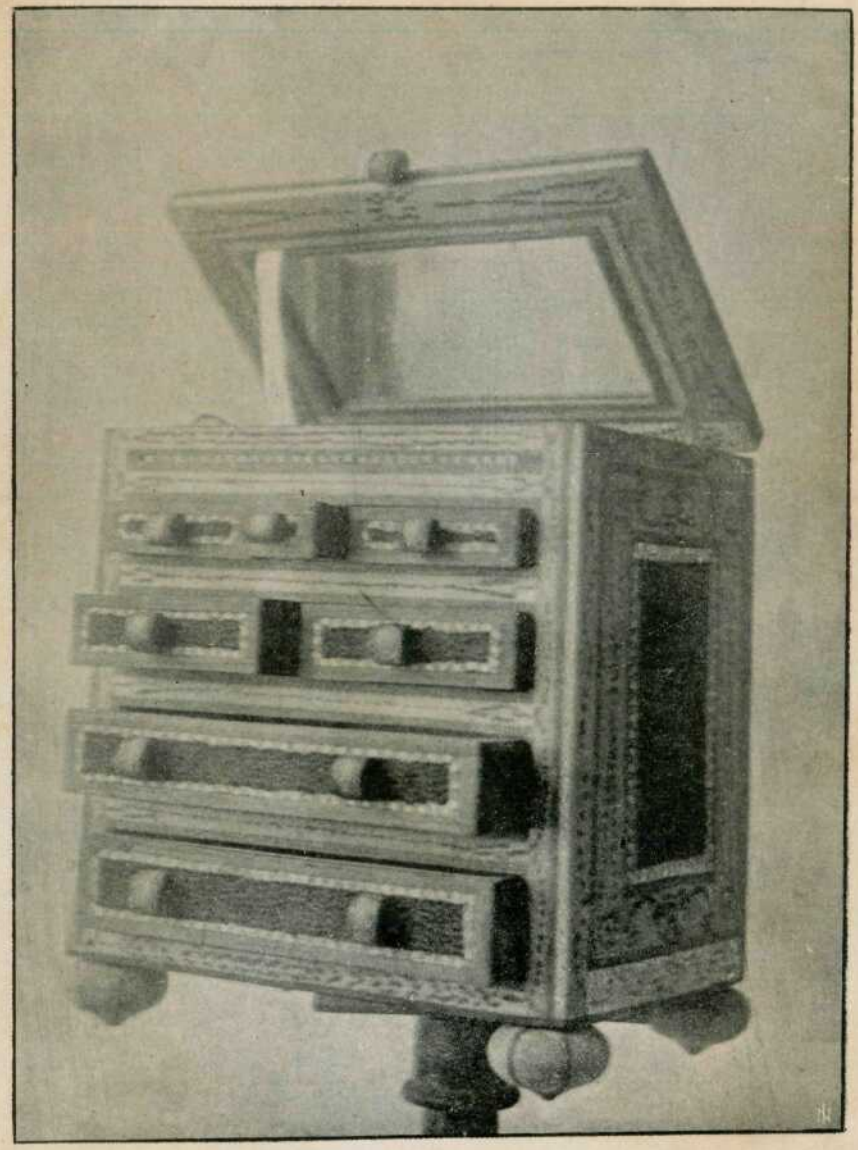
MOZAICO DE ARGAMASSA HYDRAULICA



TRABALHO DE PAPELÃO OU MADEIRA

CAMISA DE MALHA FEITA DE SACCO DE ANIAGEM

ESTATUETA FEITA DE MIOLO DE PÃO



COMMODA DE PAPELÃO COM PEDAES E MAÇANETAS FEITOS DE MIOLO DE PÃO

Pag. 36 — 9 —

Não conheço a influencia a que obedecem os deliquentes na preferencia a certas cores para os seus trabalhos. Uns abusam muito da cor vermelha ou rosa, outros da roxa ou verde.

Os profissionaes poderão, com a sua competência, descobrir nessa preferencia a Índole ou instinctos do individuo, como fazem os graphologos, servindo-se da sua escripta.

Em todo o caso, devo observar que os desenhos a cores mais vivas, isto é, a vermelho e rosa, foram executados por individuos accusados de estellionato e furto.

Os ladrões e assassinos entretêm-se mais no fabrico de canetas, ponteiros de osso, e artefactos artisticos, e os *pivetes* e gatunos exploram antes a litteratura.

Bem fracos de inspiração são os poetas que encontrei entre os detentos, entretanto, posso affirmar com segurança que se revestem de mais expressão e encerram melhores conceitos as emanadas de individuos analphabetos, que aos seus versos dão certo cunho de poesia popular.

A UM JORNAL

Da imprensa as lides cruentas muitas,
Poucos sabem rectos interpretar;
Dissonam as vozes das bellas luctas
Só faltando as vestes do lupanar...

De Marinoni a util rotação,
De Guttenberg o primeiro invento —
Perfidas moscas cáusticas de Milão
Fazem hoje p'ra melhor porvcnto !

Certo escriptor da imprensa gonfalão.
Dice, que de caracter a forma viva,
Nos diccionarios procurara em vão !
Taes são de muitos a fronte altiva !...

(Um detento accusado de estellionato.)

A boia que nós comemos
Já tem ranço e tem *bolô*.
E' como o pão da desgraça
Que o Rei do Inferno *amassô*.

(Gatuno.)

Dizem que a saudade mata,
Da saudade já descri...
Pois eu vivo de saudade
Aqui estou : e não morri !

(Gatuno.)

Infeliz quem preso está,
Mesmo da vida descrendo ;
Preso : bem diz o ditado
Nem mesmo doce comendo !

(Homicida.)

Se eu estou aqui agora,
Não me fere esta prisão,
Mais preso fiquei por ti
Nas grades do coração !

(Pivete.)

Urubu é *paso* preto
Sem destino a avoação,
E' por isto que se chama
O *paso* de arribação

(Vadio.)

MUDINHA DO AMOR

1º

Terno amôr não abandones
Um coração fervorôzo
Muito padesse quem ama
Quem não padesse c ditôzo

2º

Nem suspirar eu sabia
Antes de te conhecer
Agora que te conhesso
Sei suspirar sei gemer

3º

Roza mimoza do prado
Retracto dos sonhos meus
Ouves minha voz somente
Recebas meu terno adeus

4°

Vaite coração afflicto
Não demores um so estante..
Vai que deichas atristeza
Dentro de um peito amante

FIM

(Pivete.)

Qando a lua alva e ridente
Vagueia no azul dos ceus.
Oh ! quantas saudades tenho
Da minha vida c dos meus!

(Homicida.)

SAUDADE

Ai, tu não sabes si peno ou si soffro,
Si lembro o teo nome nesta solidão!
Eu soffro tanto que o pranto derramo
No pranto dos olhos mais do coração !

Nas aguas que descem, na brisa que passa,
Te envio mil beijos repletos de amôr :
Recebe-os na fronte, na face...
Aquece-os no peito em teo santo calôr.

Ai, tu não sabes si peno ou si soffro,
Si lembro o teo nome nesta solidão !
Eu soffro espinhos da dôr da saudade
Que ralam, que ferem o meo coração !...

(Estellionatario reincidente.)

Prezo aqui ha tantos dias
Não sei se perco a rasão.
Pois não sei se tenho alma
Ou fugiomo coração.

(Vadio.)

Por entre as grades da prisão maldita
Relembro as horas deste meu soffrer,
Eu vejo em sonhos minha mãe afflicta,
Chorosa e triste sem consolo ter...

. . . . . .
. . . . . .

Consente oh ! Deos que o filho crente,
Nas azas d'ouro desta meiga briza,
Envie a mãe doce beijo ardente
Por entre o vento que no ar desliza.

. . . . . .

(Preso politico.)

Ango da minha alma. O meu corasão diz que eu devo abandonar esta vida que só me tem servido para amargurar a existencia entre as grades de ferro da prizão. Sei que tu vives triste no doce pensamento da nossa

futura união. Eu bem procuro não seguir o destino da minha cina, mas por mais que faço, deixando de companhias prcniciosas o sangue me leva para junto delias. O coração me aconselha muita vez, mas a cabeça não deixa imaginar o que o coração dice.

Aqui só tenho na lembrança a terna saudade do nosso amor que é todo de pureza no porvir. Castigado já estou até de mais, mas cada vez que sinto sofrendo as duras horas da prizão me arrependo da vida que a minha cina me deu. Deus breve me tirará daqui. Então tu verás como serei arcgcnerado c trabalhador para fazer a nosa felicidade. Saudade do teu futuro noivo...

(Desordeiro.)

Dizem que o *Bóde* está prezo
E que vai p'ra Correcção,
Este bode só socega
Quando vive na prizão.

(Pivete.)

Não temo do nosso *juro*
Que me fassa condemnado..
Tenho aqui nas minhas costas
O senhor crucificado!

(Homicida.)

Aqui publico o pouco que pude colher durante os muitos dias que visitei os cubiculos.

No meio dos detentos que se dedicam á leitura de pequenos romances e buscam matar o tempo na composição de poesias, que são na maioria das vezes a sincera expressão do

sentimento que as dictou, encontram-se outros que se entregam a leituras e composições pornographicas, que são a affirmação mais segura do rebaixamento moral que os assoberba.

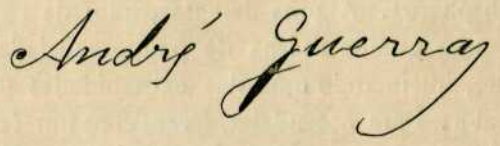
Pelo regulamento da Casa de Detenção, *é* prohibido o uso de phosphoros. Alguns detentos, afim de terem lume, preparam uma grande mecha de panno enleiada em linha ou barbante, queimando uma das extremidades de maneira a carbonizal-a. Para accendel-a, ferem com um ferro a cantaria do cubiculo, fazendo com que a scentelha se communique á mecha, que é cedida, por empréstimo, aos que delia necessitam, mediante a dadiva de um cigarro.

As caixas de phosphoros vasias, que os presos denominam *pombos correios,* servem para levar recados escriptos de um para outro cubiculo. Um longo barbante com anzol e um pequeno peso de chumbo na extremidade é arremessado para os cubiculos fronteiros e lateraes, no intuito de arrastar jornaes ou qualquer objecto solicitado.

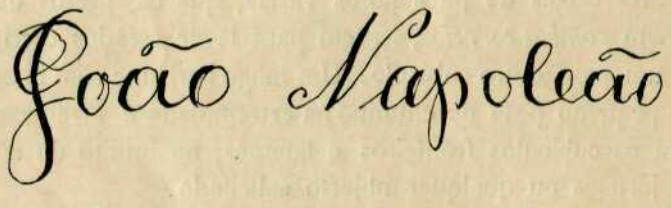
Para se corresponderem entre si sem que facilmente se possa comprehender o que escrevem, usam alguns dos delinquentes, por crime de furto e de roubo, da seguinte combinação, dando a cada lettra do alphabeto um numero que a representa, sem observar a menor ordem e tornando assim impossivel a decifração sem o confronto com a respectiva chave :

A	B	C	D	E	F	G	H
65	40	91	11	76	55	32	20
I	J	K	L	M	N	O	P
17	5°	99	7°	3	19	30	25
Q	R	S	T	U	V	X	Y
66	44	10	27	21	23	7	39
Z	W	A	Õ	Ç	á	é	ó
13	78	12	9	69	34	22	73

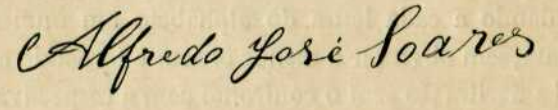
Eis as assignaturas de vários detentos accusados de crimes diversos e que se prestaram ao estudo serio da graphologia :



Morte. 31 annos de idade.



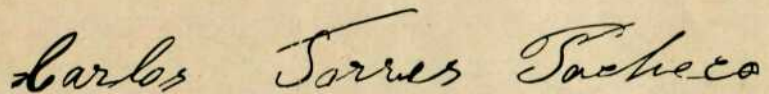
Morte. 24 annos de idade.



Roubo 18 annos de idade.

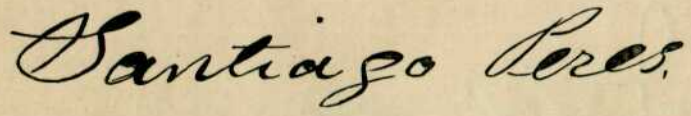
Vulgo *Terror da Bahia*

Morte. 18 annos de idade.

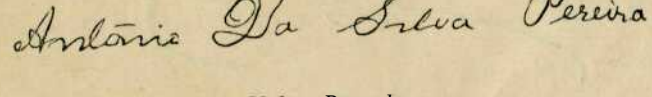


Vulgo *Carlito*

Morte. 24 annos de idade.

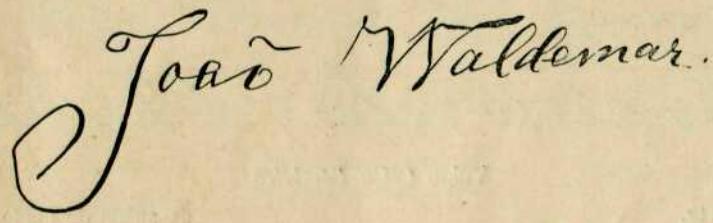


Morte. 22 annos de idade.

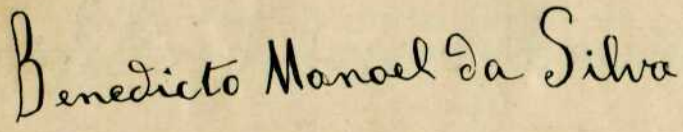


Vulgo *Pescador*

Morte. 16 annos de idade.



Morte. 21 annos de idade.

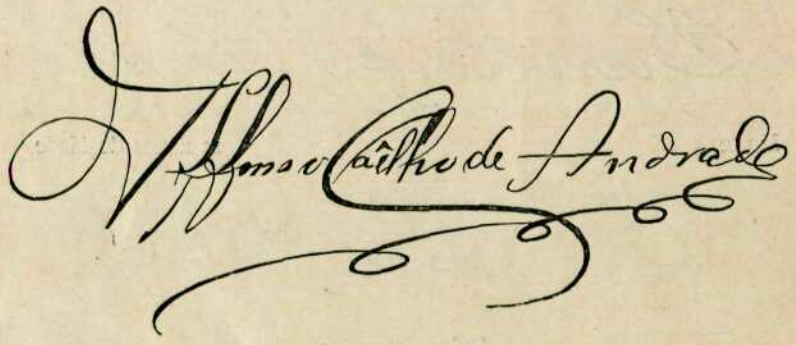


Vulgo *Colibri*

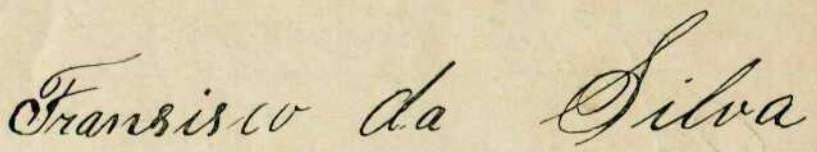
Morte. 19 annos de idade.

Vulgo *Dr. Anizio*

Roubo. 27 annos de idade.

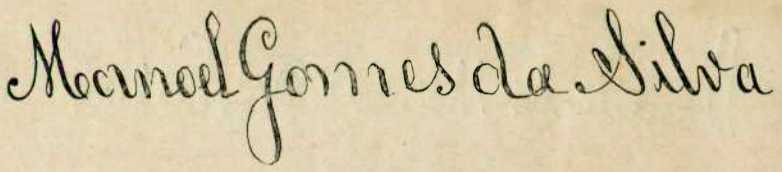


Estellionato. 29 annos de idade.



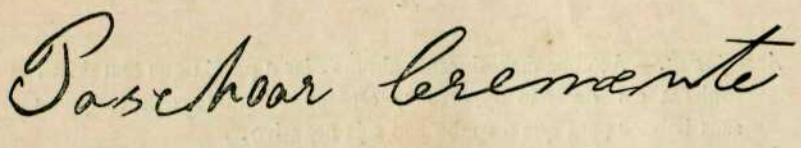
Vulgo *Cinco Bombeiro*

Morte. 21 annos de idade.

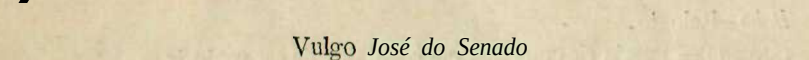


Vulgo *Jaburu*

Morte. 20 annos de idade.



Morte. 19 annos de idade.



Vulgo *José do Senado*

Morte. 23 annos de idade.

Vulgo *Bode*

Morte. 35 annos de idade.

Em quasi todos os paizes do mundo, existe entre os individuos reincidentes no crime, uma algaravia ou giria por elles usada, de maneira a se entenderem reciprocamente, sem que os comprehendam os importunos ou pessoas extranhas ao seu meio.

Essa giria, que no Brazil é muito reduzida, é unicamente commum em ladrões, gatunos e *pivetes* (menores gatunos e auxiliares de ladrões).

A

Acampanar. — Acompanhar durante alguns dias a pessoa que tem de ser roubada em occasião opportuna, estudando durante esse tempo os seus hábitos para que o roubo nao seja negativo.
Acampanado — Pessoa que está sendo seguida por gatunos ou gatuno que está sendo acompanhado por agente de Policia.
Affanar — Furtar ou roubar.
Affanado — Individuo que foi roubado (Fulano foi *affanado*).
Andantes — Pernas.

B

Bobo — Relogio.
Baccano — Pessoa rica que está em condições de ser roubada.
Biaba — Bordoada (A... *metteu-se em biaba)*
Balliza — Mala de mão.
Brilha — Brilhante.
Berrante — Rewolver.
Brét — Pão.
Barra — *Conto do vigário* por meio de pequenas barras de metal dourado imitam as verdadeiras (de ouro), com as quacs são enganados os incautos.
Broca — Ferro que serve para auxiliar o arrombamento de uma porta (também conhecido por *pé de cabra*).
Brocar — Arrombar portas por meio de *bróca*.

C

Carolas — Libras sterlinas.
Chafra — Soldado de policia.
Canna — Prisão ; gatuno que está preso (O B... está em *canna*.
Canastra — Cerco de gatunos ; prisão de gatunos. (Os jogadores dão-lhe o nome de *canoa.)*
Campana — Gatuno que fica de vigia emquanto os companheiros roubam, para, no caso de apparecer a policia, dar o signal.

Cantante — Despertador.
Canneta — Pequeno ferro, especie de canncta, com que os gatunos tiram a chave de uma porta quando está pelo lado de dentro. Para conseguir tal resultado fazem o seguinte : Collocam um jornal aberto por debaixo da porta, introduzem a *canncta* na fechadura, fazendo a chave **rodar até chegar** á posição em que póde sahir, leito isto, empurram-na cahindo forçosamente sobre o jornal ; depois é só retirar o jornal, porque com elle virá a chave.

D

Dar á cara — O que faz a autoridade que convive com gatunos c recebe dinheiro para não os prender.
Debute — Objecto de valor.
Diaraque — Objecto sem valor.
Biancum — Signal que os gatunos fazem quando se approxima qualquer autoridade.
Donato — Morador da casa que deve ser ou foi assaltada.
Dobrado — Individuo valente.

E

Espiantar-se — Fugir para não ser preso.
Escruncho — Roubo (Fulano fez um *escruncho*).
Estado — Individuo tolo, que se presta a ser roubado.
Estrillo — Gatuno que protesta contra a prisão, gatuno que descobre um roubo feito por outro, pessoa que falia muito. (Foi preso porque o A... *estrillou*).
Estrillar — Fallar.
Enrustir — Esconder.
Enrustido — Escondido.
Estiante — Padrão de amostras das portas dos armazens, etc.
Escracha — Retrato.
Escrachado — Gatuno que tem retrato na Policia (F. foi *escrachado*).
Esbarro — Gatuno que dá um encontrão na pessoa que vae ser roubada emquanto o companheiro lhe tira o dinheiro.

F

Fraga — Flagrante.
Fuma — Joia de valor (Essa corrente *fuma*?).

G

Guita — Dinheiro.
Guela — Fenda que se abre nas portas, por meio de violência, c por onde se introduz um menor para fazer o roubo.
Gambia — Cem mil réis.
Grupo — Mentira.
Grupista — Mentiroso.
Grillo — Apito.
Gravata — Processo de assaltar o transeunte : um dos ladrões passa-lhe um braço pelo pescoço, suffocando-o, emquanto os outros lhe tiram os valores que traz.
Gravateiro — Que passa *gravatas*.

I

Intrujão — Sujeito qne compra roubos.
Intruja — O mesmo que *intrujão*.
Intrujar — Comprar.

J

Justa — Cadêa. (F... está na *justa*).
Jervão — Café.

L

Lunfardo — Gatuno.
Lunfardia — Gatunice.

Lustroso — Vagabundo.
Lustra — O mesmo que *lustroso*.
Limpo — Pessoa que, conhecendo os gatunos, não os denuncia; autoridade que convive com elles.
Luca — Um conto de réis.

M

Mina — Mulher.
Minéstra — Mulher de gatuno.
Malandro — O mesmo que *lufardo* (gatuno).
Maròca — Corrente de relogio.
Marmóta — Cofre.
Majorengo — Delegado de Policia.
Mancar — Ser visto por uma pessoa quando se está praticando o roubo.
Micha — Gazúa.
Micho — Gatuno que está sem dinheiro.
Morfes — Almoço ou jantar.
Manja o tempo — Individuo que conhece os gatunos ou autoridades.
Manjar — Conhecer.

O

Outario — De bôa fé.

P

Pinche — Alfinete de gravata.
Pivéte — Menor gatuno.
Punga — Pessoa que é roubada no que leva comsigo sem presentir.
Pungista — Que faz *pungos*.
Punguiar — Furtar
Pacco — Embrulho de jornaes velhos que serve para passar o *conto do vigario*.
Penante — Chapéo.
Pisantes — Botinas.
Picaro — Individuo fino.

R

Ruste – Gatuno que engana o companheiro quando distribue o producto do roubo.
Rustir — Enganar.

S

Sornar — Narcotizar.
Sujo — Individuo que aponta os gatunos á policia.

T

Tira — Agente de Policia.
Trabalho — Roubo (F... fez um *trabalho*)
Toco — Pessôa que ganha certa quantia para não descobrir um roubo; autoridade que recebe dinheiro para não prender os ladrões.
Vigarista — Passador do *conto do vigario*.
Ventana — Janella.
Vichencho — Pessoa tola.
Velante — Guarda-nocturno.

Vulgos ou alcunhas de frequentadores habituaes das prisões

A

Adamastor, Alexandre Moleque, Alfaiate, Almeidinha 1°, Almeidinha 2", Almeidinha 3", Amarellinho, Andaluz 1°, Andaluz 2", Andaluzito, Antonico da Lúcia, António Macaco, António Portuguez, Arara, Arraia, Arrombado, Arthur Cabelleira, Arthur Cacunda, Assassino, Augusto Carroceiro, Augusto Moleque, Arrocha, Abilio, Aguiar, Amante do Sereno, Abacaxi, Apalpa Costellas, Arlindo da Praia, Abobora.

B

Babão 1°, Babão 2", Badalo, Bahia, Bahianinho, Bahiano Franco, Bahiano Mcdea, Balança, **Baptista** Preto, Barãozinho, Barbado, Barbeirinho 1°, Barbeirinho 2", Barbozinha, Barone, Barriga Molle, Barrigudo, Barrozinho, Batata, Batatinha 2°, Batatinha 3°, Bate Estacas, Batuira, Beiço Rachado, Belleza, Bemtivi, Bexiga, Bexiga Mono, Bexiga Naval, Bexiga Praia Formosa, Bexiga Fraga, Bexiguinha 1, Bexiguinha 2°, Bexiguinha 3°, Bexiguinha 4°, Bexiguinha 5°, Bicheiro, Bico Doce 1°, Bico Doce 2", Bico de Papagaio, Bigode, Biloca, Bocca Aberta, Boiota, Boiotinha 1°, Boiotinha 2", Bolinha de Ouro, Bode, Bombacha, Bombacheira, Bombeiro, Bomfim, Bonitinho, Borboleta, Borracheira, Buldog, Burro Manhozo, Braço de Ouro, Branquinho 1°, Branquinho 2°, Branquinho 3°, Brazileiro, Brilhante, Brunzinho, Branco, Bronze, Bumba, Balisa, Beiço Cortado, Bocca de Cabra, Bico de Gálio, Brazileirito, Bahianinho da Praia.

C

Cabo Malaquias, Cabeça, Cabeção, Cabelleira 1°, Cabelleira 2°, Cabo Verde 1°, Cabo Verde 2°, Cabo Verde 3°, Caboclinho, Caboclo, Cadete, Cadete Moxila, Cadete Transacção, Cadete Vieira, Cae N'agua, Coicheirinho 1°, Coicheirinho 2°, Caluca, Camaradinha, Camarão, Cambaxirra, Camello, Camisa Preta 1°, Camisa Preta 2°, Camões 1°, Camões 2°, Camões 3", Canella de Vidro, Canninha Verde, Canoa, Capellão, Capenga, Capenguinha Carioca, Cara Quebrada, Cara Queimada, Cara Suja, Cara de Velho, Carão, Carão de Velho, Cardozinho 1°, Cardozinho 2°, Careca, Carlito, Carne Secca, Cartola 1°, Cartola 2°, Cartolinha, Carvalho Pedreiro, Carvão de Pedra, Carvo-

eiro, Casadinho, Castor, Caturrita, Caturra, Caturrita pequeno, Cavallo, Cavaquinho, Caveirinha, Caxinguelê, Chapéo de Palha, Charuto 1°, Charuto 2°, Cheira Rapé, Chico Barata, Chico Barbeiro, Chico Bombeiro, Chico Caboclo, Chico Calceteiro, Chico Carioca, Chico Paulista, Chico Peixeiro, Chileno, China, China Paulista, Chininha, Chita Preta, Chorão, Christovam Colombo, Chumbaca, Ciganinho, Clavineiro, Coitinho, Colibry, Come Sopas, Comida de Onça, Compadre, Comprido, Corcel, Corette Elias, Coronel, Crespo, Cubano, Curvina, Canguru, Camillão, Cearense, Catita, Cavaignac 1°, Cavaignac 2°, Caranguejo, Catalão, Camillo, Capenga 2°, Chileno Pequeno, Cozinheiro, Carneirinho, Castro, Cangica, Cangiquinha, Coruja, Chaves, Churrasco, Chiquinho, Cearense do Largo da Sé.

D

Dente de Ouro, Doceirinho, Doceiro, Domingos Portuguez, Doutor Antonio, Doutor Anysio, Doutor Cartolla, Doutor Cornelho, Doutor Faria, Duque, Dezoito, Dôze, Duzentos e Cincocnta e Quatro.

E

Empadinha, Empalha Tempo, Espanta, Espanta Patrulhas, Escrophula, Esmurra Ventas, Espirro, Esqueleto, Estradeiro, Estrella, Eurico, Expresso, Espingarda.

F

Famoso, Fanado, Fanfan, Fanhoso, Faustino, Faz Que Toca, Fazenda, Fazendeiro, Ferreira das Degoladas, Ferro Velho, Firmino, Flôr Estragada, Flôr da Lyra, Folgadinho,

Formiga, Fosquinha, Francezinho, Frecheiro, Frigideira, Freichinho, Fura Bucho, Feroz.

G

Gaguinho, Gallegão, Galleguinho, Galleguinho Barbado, Galleguinho Paralytico, Galleguinho da Saúde, Gallego 1°, Gallego 2°, Gallego Monteiro, Gallinha Choca, Garnizé, Garrafinha, Gato Frito, Gato Preto, Genebra, Gibi, Giló, Godoy, Goiaba, Gostoso, Grelo, Grilo, Guabiraba, Guarda Nocturno, Guerreiro, Guritão, Grude, Guarany, Gira Moura, Grego das Ostras, Garroche, Gallileu.

H

Henrique Passarinho, Hespanholinho do Bomba, Hespanholinho Nocturno, Hespanholito, Hespanholito Sacy, Horta, Hortinha, Horacinho.

I

Ilhéo 1°, Ilhéo 2°, Inglezinho, Italianinho.

J

Jaburu 1°, Jaburu 2°, Jacaré, Jacobino 1°, Jacobino 2°, Jacobino 3°, Jagunço 1°, Jagunço 2°, Janjão, Jayme, João Aço, João Bouquet, João Branco, João Burro, João Doceiro, João Duro, João Furado, João Gallego, João Gallinha, João Grande, João Maluco, João Mulatinho, João Patrono, João Vagabundo, Joaquim Branco, Joaquim Caroço, Joaquim Pequeno, José dos Copos, José Magro, José Mangulho, José Moco, José Moleque, José Hespanhol, José Peruano. José

Portuguez, José do Sacco, José do Senado, Juquinha, João Policia, José Mergulho, João Bahú, João Moleque 1°, João Moleque 2°.

L

Lagoa, Lamparão, Leiteiro, Lima Careca, Lobinho, Lúcia, Luiz Coqueiro, Lustro/o.

M

Macamby, Machinista, Madeira, Magno, Malaia, Malange, Malvadeza, Manduca da Sêda, Maneca, Manetinha, Mangangá, Mangonga, Maluquinho, Manoel do Campo, Manoel Galego, Manoel Perú, Manoel Proza, Mãozinha, Maranica, Marcello, Marcilio, Maria Mina, Mariola, Mariquinha, Marinheiro, Massa Bruta, Meia Mulla, Menduby, Menor, Mestiço, Mico, Miguel das Almas, Miguel Charuto, Mineirinho, 1°, Mineirinho 2°, Mineiro, Minga-Minga, Mingote, Miquimba, Moleque Dativo, Moleque Castor, Moleque da Bahiana, Moleque Estacio, Moleque Estraga, Moleque Fresco, Moleque Gálio, Moleque Júlio 1°, Moleque Júlio 2°, Moleque Lupercio, Moleque Paulo, Moleque Padeiro, Moleque Segundo, Moleque Sestroso, Moleque Romão, Moleque Thimoteo, Moleque Victorio, Molequinho do Cachimbo, Monteiro Grande, Moreira César, Moreirinha, Moreno, Mulatinho 1°, Mulatinho 2°, Mulatinho 3°, Mulatinho Praia Grande, Miguel Violão, Morenguinho, Manduquinha Carrapeta, Machadinho, Moleque Bombeiro, Maxixe, Moleque Esperto, Malaquias, Mottinha, My-Jorge, Mariquinhas, Manteiga, Moleque Cuia, Melancia, Malagueta, Miúdo, Moleque Felyppe, Moleque Satyro, Moleque Roque, Meio Kilo.

N

Naná, Nariz de papagaio, Neném, Nhonhô, Novidades (morreu).

O

Olho de Vidro, Ombréa, Orelhas Cortadas, Oriental.

P

Phoca, Paco, Paraiso, Paulista, Paulistinha, Paspalhão r, Paspalhão 2°, Perna Torta, Padeirinho 1°, Padeirinho 2°, Padeirinho 3°, Padeiro 1°, Padeiro 2°, Padeiro 3°, Palhaço, Palhinha, Panella, Papa Defunto, Papa Ovo, Papa Rancho, Paraguassú, Pardo Aquino, Pata Choca, Patacho, 1°, Patacho 2°, Patagonia, Patrona, Pé Espalhado, Pé Leve, Pé de Ouro, Pé de Pato, Pedro Caboclo, Pedro Moleque, Pega Boi, Peixe Frito, Peixoto, Pellado, Penedo, Pequinino 1°, Pequinino 2", Perna fina 1°, Perna fina 2°, Perna inchada (mulher), Perna podre, Pernambuco 1°, Pernambuco 2°, Pernambuco 3% Pernambuco 4°, Pica pau, Pilha Gallinhas, Pisca Pisca, Pitota, Pitoca, Pivete estupro, Planeta, Pombinho 1°, Pombinho 2°, Porto Alegre 1°, Porto Alegre 2°, Portuguezito, Praia Grande, Pula de Lado, Preguiça, Piauhy, Peixeiro, Pilha, Preto r, Preto 2°, Pepino, Pé de Pavão, Paino.

Q

Quitandeiro, Quatro.

R

Rato Branco, Rocha, Rodrigues, Ramon Gallego, Rapozinho, Relâmpago, René, Renhita, Republica, Rio Grande

Riveira, Rodezindo, Rochura, Romariz, Ramary, Rouco, Russinho, Russo, Russo Pequenino.

S

Sachristão, Sacy, Safa rascada, Salta-paredes, Sampaio, Santinho, Santo, São Pafel, Sem Dedos, Sem Meias, Serapião, Sestrozo, Santa Casa, Sete Cabeças, Sete Cuias, Solitário, Sanona, Sauhy, Satyro, Saboia, Seis e Meio, Soldado, Socó.

T

Tenente Maluco, Tetéa da Saúde, Toupeira, Trambolho, Trancheu, Trez Tempos, Trinca Espinha, Trinta e Quatro, Triste, Turco, Tripa Limpa, Treme Terra, Terror da Bahia,

V

Vacca Brava, Vagre, Vasconcellos, Velludinho, Ventania, Vieirinha, Vinte e Um, Vira Bicho, Vira Bosta, Vermelhinho, Vacca Leiteira.

Z

Zé Boi, Zezinho.

Destes, são recalcitrantes: José do Senado, Carlito, Bode, Chico Bombeiro, João Waldemar, Terror da Bahia, Jaburu, Affonso Coelho, João Napoleão, Dr. Anyzio, Salvador Perez, Colibri, Paschoal Clemente e Santiago Perez.

Na generalidade, os detentos mostram-se religiosos, confiantes nos votos ou promessas que fazem aos santos de suas devoções e raros são os que deixam de fazer oração, quando se deitam para dormir, e, pela manhã, quando acordam.

Aos toques de meio dia e de Ave-Maria, quasi sempre se persignam.

Variadissima e curiosa é a tatuagem entre os delinquentes. Quanto mais criminosos, quanto mais isentos de qualquer vislumbre de sentimentos affectivos pelo seu semelhante, quanto mais reincidentes no desrespeito á vida e á propriedade alheias, mais se lhes multiplicam por toda a parte do corpo, e especialmente nos braços, azulados e vermelhos arabescos, desenhos, monogrammas, lettras, nomes próprios, cruzes, etc.

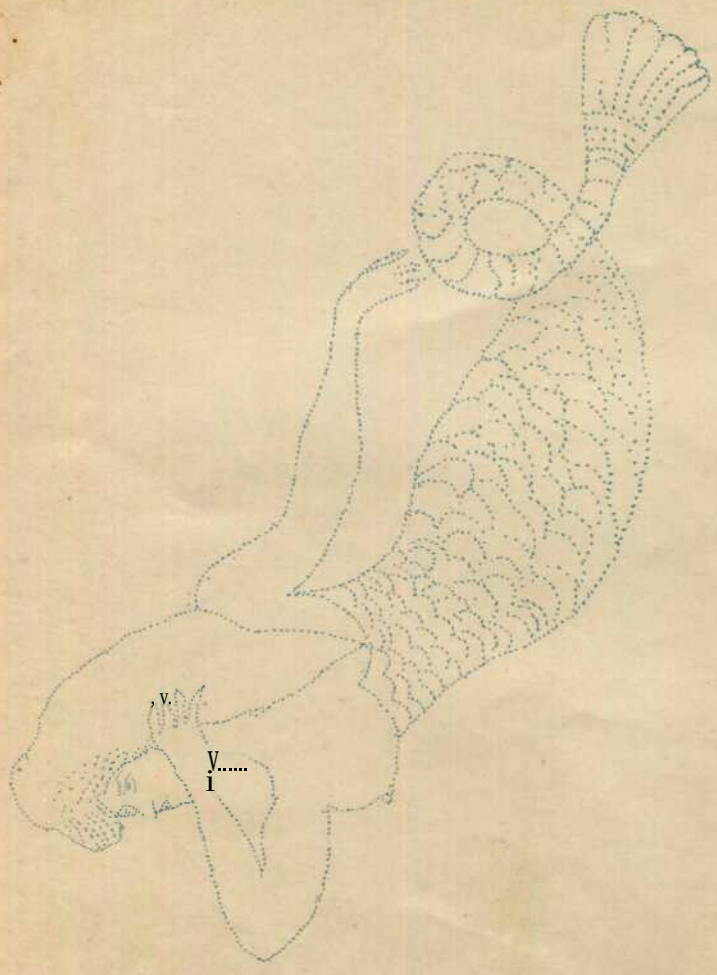
No grupo dos *pivetes*, pequenos gatunos, observei que quasi todos eram tatuados, muitos no peito ou nos braços, e um delles, além de ser tatuado em todas aquellas partes do corpo, gravou em quatro dedos de mão direita os algarismos 1-9-0-4, um em cada dedo.

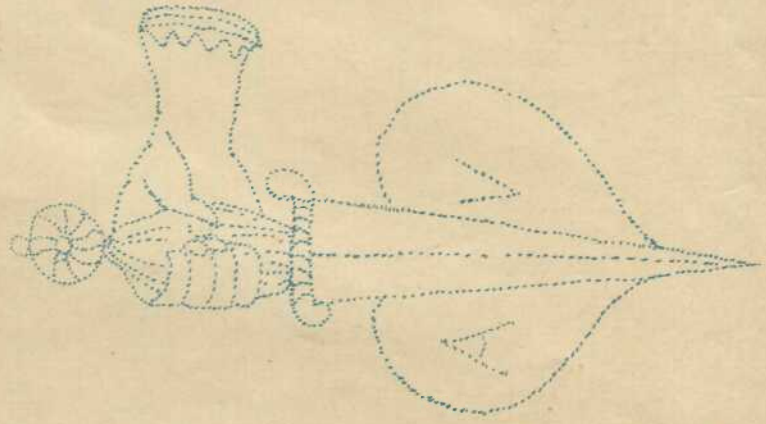
Alguns trazem as tatuagens no calcanhar, quasi sempre representadas por iniciaes. Diziam que a collocação nesse ponto fôra para lhes permittir pisar a mulher que os desprezara ou os atraiçoara.

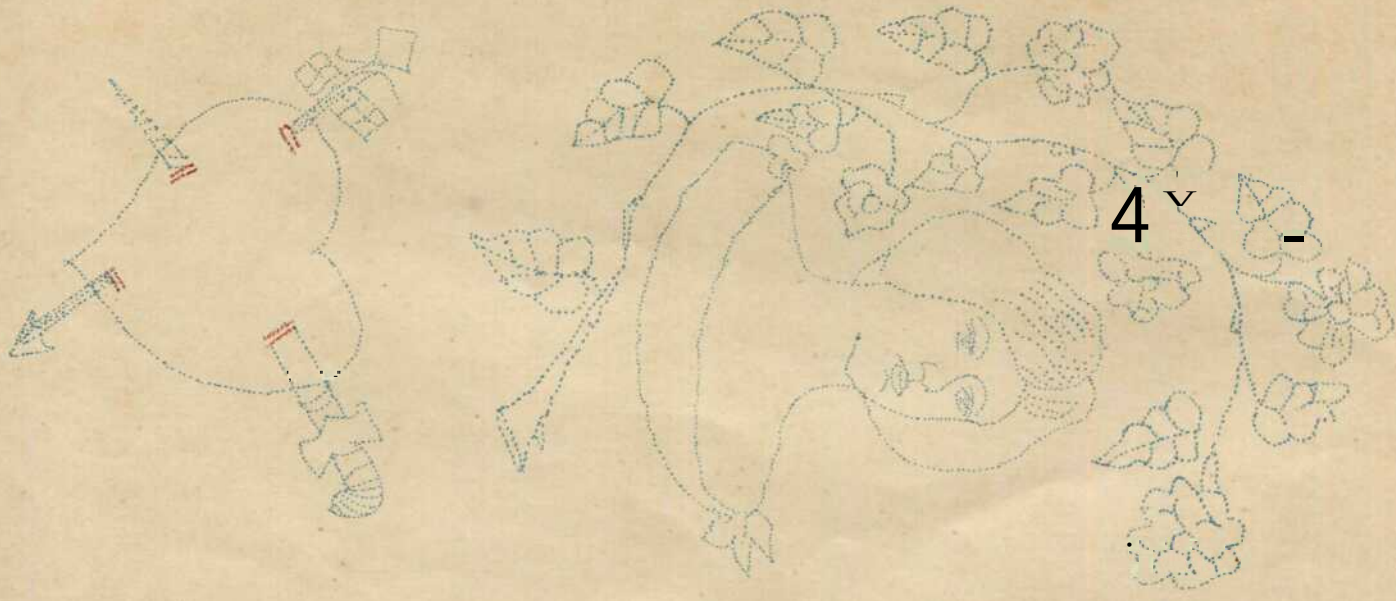
Náo raro se encontram individuos tatuados nas costas e nas coxas c barrigas das pernas, e tive occasião de encontrar um delles tatuado na nadega direita. A tatuagem representava um signo de Salomão.

Em outros, vêem-se no peito duas enormes bandeiras entrelaçadas, Christos crucificados, a figura de S. Jorge, mulheres nuas, punhaes, signos c flores, complicadas tatuagens que revellam, além de paciência c grande trabalho de execução, a precisa forca de vontade para supportar as irritantes dores da agulha ou do estilete.

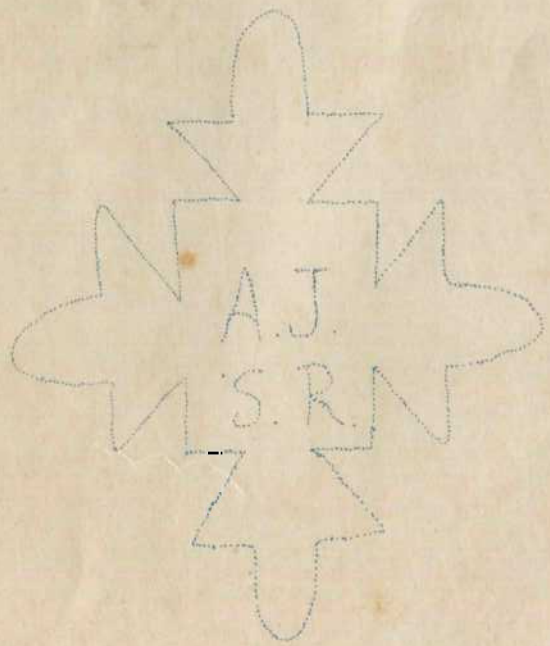
CONSTANCIA
LEONIDIA
AIN

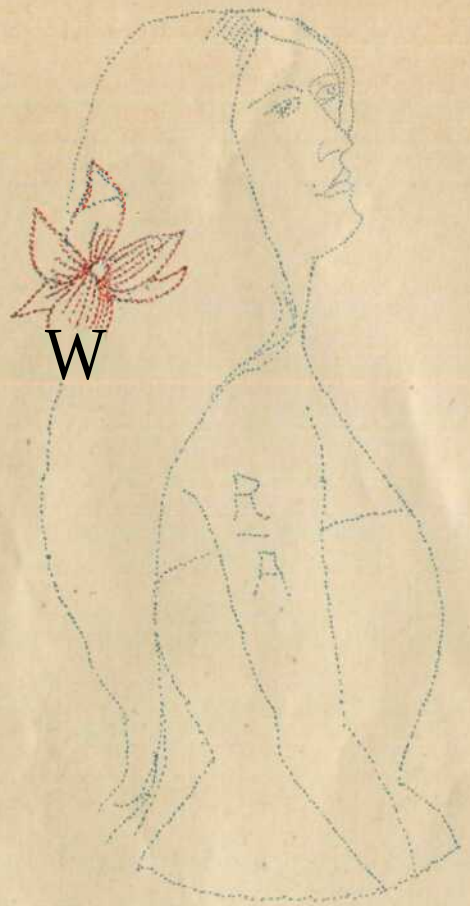


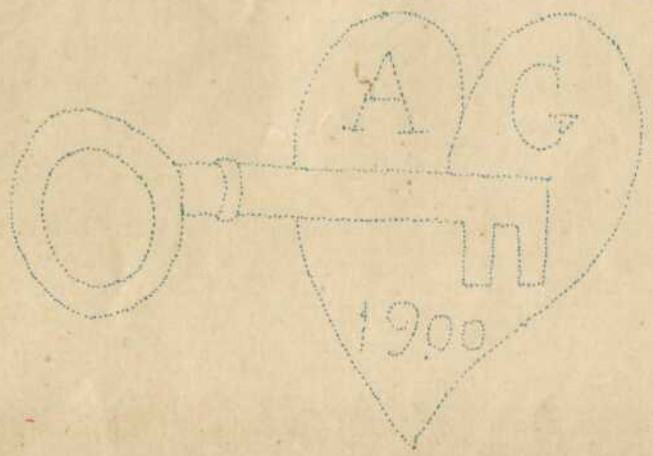


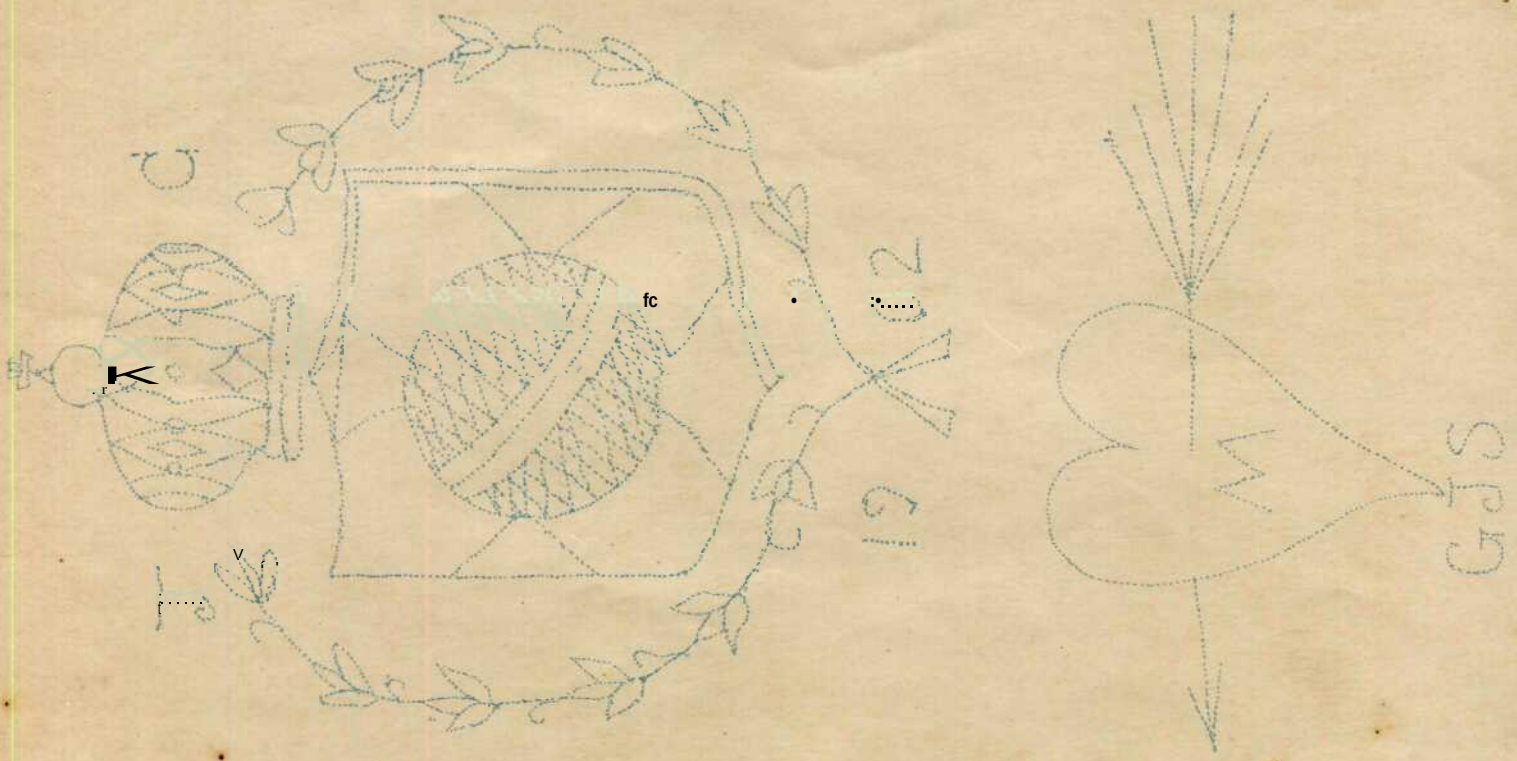


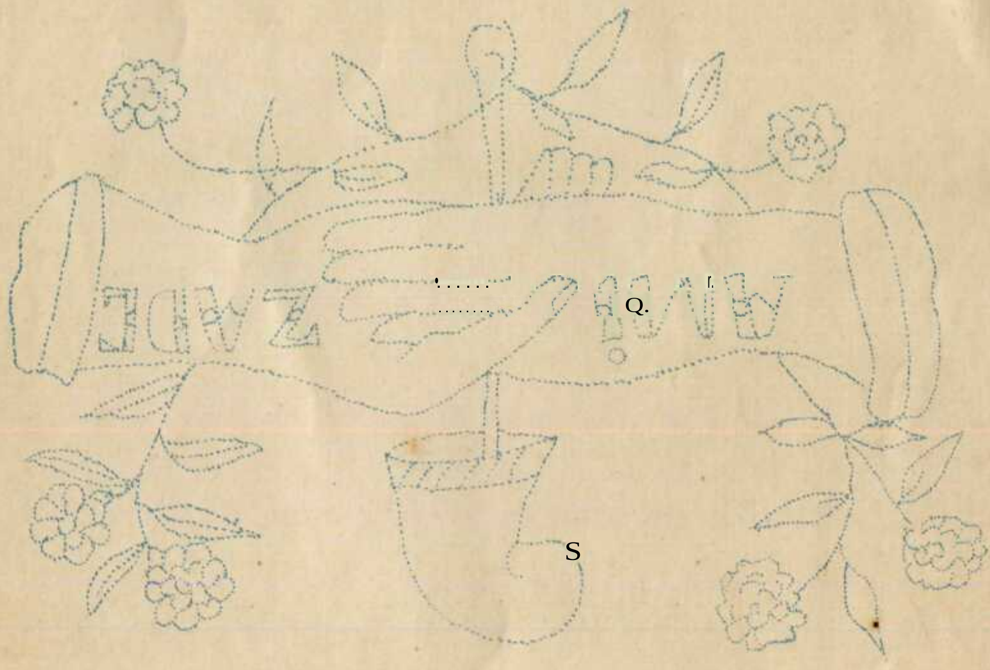
A. N. R. JDO.



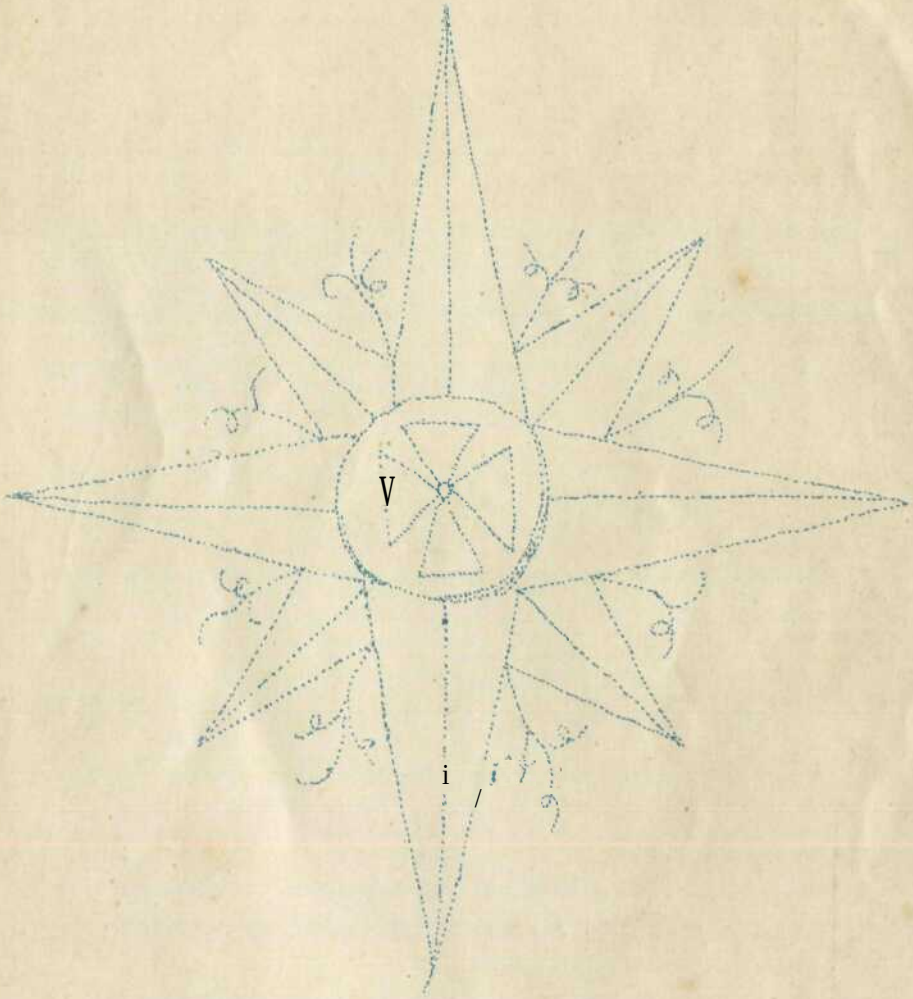

W
RIA


A G
1900


fc



1876



Esta succinta narrativa do modo por que os criminosos procuram tornar mais rápidas as horas, refere-se unicamente aos presos da Casa de Detenção.

Pretendo apresentar em breve outras observações acerca dos penitenciários da Correcção, cuja existência é mais tormentosa e arrasta-se ainda mais lentamente.

Abril de 1904.

5985-07 — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1908